

REVISTA

DE

Arte e critica

SERIE 1.^a

Fasciculo n.º 10

AVE-AZUL

DIRECTORES:

Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU. 15 DE OUTUBRO DE 1899

CRONICA



EZ-SE ha tempos, se bem me lembro, um inquerito sobre qual o facto ou a ideia, qual a obra ou a descoberta por que ficaria sendo conhecido e designado o seculo 19, como syntetizando todo este immenso labor de cem annos agitados e creio que não baldadamente agitados.

Qual o resultado do inquerito não o sei eu, nem sabel-o quero: para mim é ponto de fé que a ideia, a grande, a nobilissima ideia que dará nome a este seculo 19, será a grande, a nobilissima ideia da Paz Universal, essa radiosa, essa por ventura ainda longinqua Edade-d'ouro que ha dois mil annos já inspirava ao encantador Vergilio versos que lhe valeram o titulo de poeta christão... antes de haver christianismo.

Longinqua ainda por ventura, disse: embora:—a verdade é que para apressar-lhe o advento, para converter, desde já e para já, essa radiosa utopia numa radiosissima realidade, trabalham á hora que passa quantos teem no cerebro uma faisca de talento e no coração um fremito de vida: talento que fecundo seja, vida que seja verdadeira vida.

São os philosophos de todos os systemas; são os politicos de todos os partidos; são os intellectuaes de todos os paizes: sabios, litteratos, moralistas, sociologos; e são, finalmente, as mulheres, com o valiosissimo concurso da sua intelligencia tão pratica e da sua convicção tão sincera, tão profunda e tão ardente, ellas e elles a harmonisarem-se todos na mesma grande e luminosa ideia, na mesma grande e luminosa aspiração—a Paz Universal!—que o mesmo é dizer a aspiração do Bem, da Felicidade, a aspiração do unico, do definitivo, do verdadeiro progresso sobre a Terra.

Uns e outros se consagraram á obra com todo o enthusiasmo, envidando os maximos esforços na humanitaria propaganda, na sanctissima crusada promettedora de mais proficuos resultados que quantas a Historia registado tem nos seus annaes.

Uns e outros: mas nas mulheres, sobretudo, o ardor é inexcedivel.

E' vel-as organisando Ligas de Paz, promovendo Congressos d'arbitragem, publicando obras, redigindo jornaes, combatendo em summa, por todas as formas e feitios, nesta *Guerra contra a Guerra*—a unica guerra já agora admissivel para quantos sobre o caso reflectam livres de preconceitos absurdos.

Tenho aqui á mão o Inquerito da *L'Hummité Nouvelle*, excellente revista dirigida por M.^e A. Hamon, auctor da *Psychologie du Militaire Professionel*, sobre a Guerra e o Militarismo: quatorze mulheres, ou mais, de todas as nacionalidades, e quasi todas ellas altamente consideradas em toda a Europa, vieram dar o seu voto nesse Inquerito: pois todas ellas votaram contra: jornalistas illustres como Hortensia Bouet, redactora do *Journal des Economistes* e a Baronesa de Suttner, directora do *Waffen Nieder*; romancistas notaveis como a polaca Marya Cheliga e a inglesa Julia Wedgwood; publicistas celebres como Clemencia Royer e Isabel Renaud; presidentes ou secretarias de Ligas de Paz como a americana Belva A. Lockwood e a ingleza P. H. Pekhover: todas, to-

das ellas gritaram á uma ali o seu protesto contra esta revoltante monstruosidade que, mercê do nosso estupidiŝsimo egoismo, veio até nós lá dos remotos tempos da inicial barbaria.

E todo este movimento feminino se me affigura promettedor dos mais excellentes, dos mais proficuos resultados: porque á mulher, parece-me, está reservada uma tarefa das mais importantes neste nobilissimo esforço para a realisação d'um ideal tão alevantado.

Essa tarefa é a educação dos filhos,—que agora, mais do que nunca, deve ser para as mulheres uma missão, um sacerdocio!—é a educação dos filhos, que ellas terão de preparar para a communhão d'alma e de coração na grande Ideia, mais tarde, quando forem homens, quando puderem contribuir para a transformação da Chimera de hoje na deslumbrante, na fructificadora Realidade de amanhã.

Pela educação dos filhos pode a mulher fazer germinar e dar fructos sasonados á semente lançada aos quatro ventos: nos Gabinetes, pela penna; e nas Academias, pela palavra. Ella o pode, desenvolvendo no espirito da creança os sentimentos de tolerancia, de benevolencia, de abnegação, fazendo em summa todos os esforços para do coração lhe desenraizar o egoismo, este medonho egoismo que é a lepra que corroe todo o nosso organismo como individuos e por conseguinte como collectividades.

Se o ideal de paz universal não se generalisa já hoje, é que hoje só uma minoria muito restricta está apta para o comprehender e praticar.

Todo aquelle que desembainhar a espada contra o seu semelhante morrerá pela espada: disse para Pedro, ha quasi dois mil annos, o compassivo Jesus, o sublime, o divino Apostolo do Amor e do Perdão.

Tu não matarás: tinha já dito Moysés mais d'uma dezena de seculos antes d'Elle, Moysés, o Iniciado poderoso, o poderoso Propheta de sombria face e de terrivel olhar, ao impor aos hebreus esse assombroso compendio de Moral que é o

Decalogo, onde a moral mais pura toda se resume, se consubstancia, se syntetisa.

Mas, apesar d'isso, a legislação de Moysés castigava com a pena de morte os menores delictos; e os propagadores da doutrina evangelica, esquecidos de que Jesus acolhia e curava a todos indifferentemente, fossem scribas e phariseus ou fossem samaritanos, publicanos e saduceus, glorificavam como um grande serviço a Deus o assassinato em massa de todos aquelles que não praticassem a sua religião.

E galgando sobre o preceito de Moysés e sobre a palavra do Christo, a Guerra tem-se alastrado medonhamente até nós, assolando as terras e devastando os povos, deixando a fome a peste e a escravidão por onde passa, guerra sob todos os nomes, guerra de ideas, guerra de cobiças, guerra de predomínio e de vingança . . .

Ha um rasgado antagonismo entre o que se diz e o que se faz, entre o que se ensina e o que se pratica: a palavra de Deus está nos livros e está nas boccas; mas, onde mais era precisa, nos corações, é que não está.

Como na lei moysaica, é ainda pela violencia que tudo se obtem, desde os bens da Terra até aos bens do ceo, muito embora o gladio de fogo de Moysés tenha sido substituido pela palma do Sacrificio em Jesus.

Mas a palavra de Deus não se perdeu: *Passará o Ceo e a Terra, mas as minhas palavras não passarão*; e a semente lançada á terra ha de florescer em fructos opimos: *E pondo-vos a caminho prégai, dizendo: Que está proximo o Reino dos Ceos*. Simplesmente a Humanidade de ha dois mil annos não estava apta para comprehender no todo as altas verdades moraes ensinadas pelo Christo; e agora mesmo, apesar da incubação e da preparação de seculos e seculos, apesar do alto momento de civilisação a que chegamos, o coração mal nol-as pode soletrar ainda, uma a uma e difficultosamente.

E' que carecemos mais ainda de progresso moral do que de progresso intellectual, de grandes corações do que de grandes intelligencias, para que a moral de Jesus se estabele-

leça sobre a terra, ou, o que vem quasi a ser o mesmo, para que o ideal de Paz Universal seja abraçado por todos: deixe de ficar só nos livros e só nas boccas para se estabelecer de vez no peito e no cerebro dos homens todos sem excepção.

E por isso eu digo ás mães que façam quanto possam por curar a chaga do egoismo no coração dos filhos, porque o egoismo é o travão do progresso moral, o maior e o mais terrível obstaculo á felicidade do homem sobre a terra.

Uma geração sem o egoismo feroz da geração actual e das que nos precederam, uma geração que bem comprehendesse todo o alcance da elevada e pura moral de Jesus Christo e a praticasse assim elevada e pura como Elle a queria e como Elle a ensinava, uma geração assim não consentiria em ser assalariada para matar, em reunir-se á voz auctoritaria d'um despota para ir levar a um povo, a homens que são seus irmãos, a ruina, a miseria, a vergonha e a escravidão. Comprehenderia bem todo o horror d'esse duello immenso em que os que vão seguros de triumphar são assassinos, e são suicidas os que vão mais ou menos certos de que serão derrotados.

E a Guerra não se faria: porque nenhum homem quereia prejudicar a seu irmão na sua vida, nos seus bens, na sua honra ou na sua liberdade.

E, acabada a Guerra, o desarmamento geral seguir-se-lhe-ia como consequencia natural: e seria na vida dos povos toda uma revolução economica realisada, sem violencias, sem esforço, por si mesma, como expansão natural de tantos milhões e de tantas energias que para ahi se annullam, aquelles enterrados, paralygadas estas, nos arsenaes e nas casernas.

Veriamos então o sublime espectáculo de todas as nações fraternisadas numa communhão perfeita de interesses, de ideias, de sentimentos, já que da Europa, já que do mundo todo se não poderá talvez formar uma só nação com um só governo, porque a differença das raças e dos climas, trazendo a diversidade dos costumes e exigindo a diversidade de leis, a isso se opponha.

Ideal deslumbrantissimo, ideal sacratissimo que, realisado, seria um grande passo de gigante para esse outro mais grandioso ainda e mais sagrado, porque definitivo, do Reinado de Deus sobre a terra : ideal deslumbrantissimo, ideal sacratissimo : e ideal realisavel, por mais que pessimistas se fartem de clamar que á natureza do homem esse estado de perfeição é impossivel, e que as suas paixões hão-de ser em todos os tempos as mesmas que foram sempre.

Ainda mesmo que para o realisar se não unissem e conjugassem tantos nobilissimos esforços de tantos espiritos verdadeiramente superiores, de tantos talentos prestigiosos e de tantos magnanimos corações, ainda assim o dia chegaria em que, sedento do seu amplexo, o homem lhe estenderia os braços cançados de lutar . . . e de vencer.

Demandaria um maior numero de annos, de seculos talvez, do que assim ; mas a Paz, triumphante, estabeleceria da mesma fórma sobre a terra o seu feliz reinado de luz e amor.

Porque a Humanidade já não precisa da Guerra para progredir : é na paz que hoje estão os elementos de progresso : e o Progresso é a lei da Humanidade.

Pela lição da Historia e pela lição da Experiencia os povos e os governos acabariam afinal por convencer-se de que a Guerra representa sempre um prejuizo e um atrazo, mesmo ainda para o vencedor : e de vez acabariam com a horrenda selvageria de se esmagarem uns aos outros, infallivelmente, de tempos a tempos.

Que, afinal, desde ha muito já que os povos estão fugindo da Guerra ; fazendo-a só de longe a longe e em casos extremos, e não a cada passo e a pretexto de tudo, como antigamente a faziam.

Não era ella, d'antes, o estado normal da vida dos povos ? E não é hoje apenas um incidente, um caso esporadico, na vida das nações ?

Onde vão já esses velhos antagonismos de raças, esses irrationaes prejuizos de fronteiras, esses abominandos odios de crenças, que num momento erguiam milhares de esquadrões

frente a frente e num momento os abatiam em barbaras e pavorosissimas hecatombes? . . .

O homem do Presente matou o homem do Passado, como o do Futuro matará irremissivelmente o do Presente. Á antiga barbarie succedeu a actual civilisação, intellectualmente tão avançada, mas moralmente ainda tão falha; á incompleta civilisação d'hoje succederá a civilisação integral d'ámanhã em que o progresso moral, a par com o progresso intellectual, emfim ha-de extirpar do coração do homem o orgulho e o egoismo, as causas mais fortes da sua desgraça na terra.

Porque, se é verdade que o progresso moral não anda as mais das vezes ligado, irmanado, com o progresso intellectual, verdade é tambem que se lhe segue necessariamente, fatalmente, porque o Bem é o fructo da Verdade, como o Bello é a sua flôr.

Basta folhear a Historia para nos convenceremos d'esta verdade flagrantissima e indiscutivel.

Que enorme distancia moral do homem d'hoje ao homem d'outrora! Fossem lá prégar-lhe, a esse, todas estas novas ideias sobre a liberdade e a fraternidade; pretender que elle accettasse todo este bello ideal de justiça e de renovação social? — Clamaria: Absurdo! E levantaria cruces, e accenderia fogueiras, para dar morte aos sediciosos, aos impios. . .

Abundam, infelizmente, factos em abono do asserto.

E é por isso que eu julgo rasoavel, além de raccional, o meu optimismo, e cada vez mais se me confirma a fé no Futuro, quando, fugindo das miserias do Presente, o meu espirito se põe a architectar um mundo para o meu filho. . .

*

* * *

Mas a que veem todas estas paginas?

E' que tenho aqui, sobre a mesa de trabalho, e já de ha tempos, uma circular da *Liga Portuguesa da Paz*, fundada em 18 de maio de 1898, com a séde em Lisboa, R. dos Prazeres, 87 (para onde, e á sua presidente, sr.^a D. Alice Pesta-

na, devem ser dirigidas a correspondencia, adhesões e contribuições); e já me pesava de não ter até hoje tornado publica a minha adhesão entusiastica ao nobilissimo programma que nella vem singela e desassombradamente desenvolvido. Para aqui me permitto transcrevel-o, dando-lhe assim, quanto posso, a publicidade que precisa e que merece :

— Em todos os paizes da Europa e alguns da America a fulgurante aspiração da PAZ UNIVERSAL tem occasionado a fundação de Sociedades, quer nacionaes quer internacionaes, onde todos os problemas ligados á grande e complexa questão pacifica têm sido estudados e de cujo seio tem partido uma intensa e já hoje victoriosa propaganda do ideal que a todas une e todas têm em mira.

Portugal não pôde sem desdouro conservar-se mais tempo indifferente a este nobilissimo movimento universal que alguns têm chamada a GUERRA CONTRA A GUERRA.

Fundando-se em 18 de maio, dia da inauguração da Conferencia Inter-Governamental em Haya, a LIGA PORTUGUEZA DA PAZ enceta com entusiasmo a sua campanha de propaganda pacifica, que procurará desenvolver por todos os modos ao seu alcance — conferencias, publicações jornalisticas e outras, sessões publicas, etc., — através de Portugal, dando assim a sua modesta mas calorosa cooperação á grande obra da PACIFICAÇÃO GERAL em que têm collaborado os mais fulgidos espiritos que honram a humanidade.

Entretendo relações com as sociedades Pacificas do estrangeiro, a LIGA PORTUGUEZA DA PAZ affirmará perante o mundo o concurso de Portugal no afanoso laboratorio do Direito definitivo que estabel-ee a autonomia das nações e das pessoas, tendo como ideal supremo o principio da irmandade humana.

A Liga compõe-se de 19 socios que contribuem com uma cotisação annual, a seu arbitrio, e têm a seu cargo desenvolver a propaganda e angariar os meios necessarios a esse fim.

A Liga considera seus BENEMERITOS AUXILIARES todos que contribuirem para a sua obra de propaganda com uma cotisação mensal minima de 50 réis, ou que prestarem quaesquer outros serviços á realisação do seu ideal. Desenvolverá a sua propaganda nas terras da provincia por meio de CORRESPONDENTES que estarão em relações directas com a mesa.

Dirigimo-nos á nação portugueza, esperando que nos envie a sua adhesão todos os nossos compatriotas que, commungando nos nossos ideaes, concordem na vantagem da fundação d'esta Liga.—

Assignam a illustre escriptora sr.^a D. Alice Pestana (pre-

sidente), o sr. dr. Magalhães Lima (vice-presidente), as sr.^{as} D. Joanna d'Almeida Nogueira (secret. da correspondencia), D. Amelia Heitor Ribeiro Cruz (secret. das sessões), D. Augusta Rocha (thesoureira) e os restantes socios, entre os quaes o erudito publicista sr. Teixeira Bastos, o notavel philosopho sr. dr. Theophilo Braga e o nervoso poeta sr. dr. Gaspar Queiroz Ribeiro.

Que mais será preciso para augurar á Liga Portugueza da Paz os mais proficuos resultados ?

Fazendo cordealissimos votos para que o publico attenda, como deve, tão justo appello e lhe preste todos os auxilios e sympathias, aqui deixo consignado o meu incondicional applauso a tão nobre iniciativa bem á altura do nosso seculo que, aos olhos da Posteridade, se honrará pelas suas Ligas da Paz, como que protestando assim contra os seculos que só por Guerras da Liga se tornaram dignos de menção na Historia.

BEATRIZ PINHEIRO.

P. S. Tendo na devida consideração a delicada e attenciosissima carta que sobre o assumpto da ultima chronica nos foi dirigida pelo sr. Sousa Sampaio, a ella responderemos no proximo fasciculo d'esta Revista, por entendermos que as objecções, pelo seu signatario expostas contra a emancipação da mulher, são as de muitos outros espiritos que, embora illustrados, ainda se não habituaram a encarar a questão desinteressadamente.

B. P.



SALLA DE VISITAS

De HENRIQUE DE VASCONCELLOS

O TERROR DA MORTE



ALLAVAM da Peste.

Pelo calôr estival, num crepusculo de trovoadas, os gestos eram lentos, raros.

Reclinados em preguiceiras, no terraço, que uma vide exuberante cobria, viam a encosta que se precipitava, e a planicie que se estendia, infinitamente na *gouache* da quasi noite.

Bicorneo e assustado, um crescente amarellava um esfarapamento de nuvens.

Um medico que vira a Peste na India e na Persia descrevia-a, vagarosamente, os olhos semi-cerrados. E todos o escutavam.

—A Peste! Assistir á sua marcha violenta atravez das ruas, das populações, dos reinos, é viver numa tragica e excitante atmospherá de pavor e de esperanças. Pelas ruas passam constantemente montões de cadáveres que se não enterram, que se atiram para um campo, a medo. E d'aquelles que conduzem as carretas, as macas, os taboleiros, um ou outro cae fulminado, repentinamente; e se é maca, logo tombam, no chão, cadáveres nus de pestiferos, chagados, os bubões ainda abertos, a suppurar, como grandes flores venenosas.

Alguns conservam ainda attitudes desesperadas, estorcidas. Só ha suavidade nos que foram fulminados, nos que morreram sem tempo para tentar esbofetear a morte. A Peste! A Peste! Haviam de percorrer as cidades, de braço dado com

ella, como eu, para saber que Amante incomparavel é ella, como se vive intimamente, voluptuosamente, como num beijo em que haja mordeduras de cascaveis...

Sentia-se que os assistentes vagamente estremeciam.

A condessa que escutava, silenciosa, abriu os seus olhos verdes e quasi mortos, e, sem um gesto, como se uma estatua fallasse:

—Comprehendo-o, doutor. Como seria bom viver num receio constante de morrer, para poder apreciar a vida... Receio de morrer de peste, com as chagas a florir os nossos corpos, que os olhares, não cupidos de violadores de mortos, mas aterrados de fugitivos, encontrariam com nausea. Como deve ser infame um corpo gangrenado que não inspira desejos, nem mesmo aos corvos que fogem do veneno fulminante que elles destillam!...

—Eu vi, condessa, interrompeu o medico, essas sementeiras de cadaveres, onde nasciam rosas, nos bubões abertos. A mais incandescente luxuria afastava-se, enojada, dos corpos que tinham sido bellos.

Junto a uma anca gloriosa e branca, numa curva d'amphora de Mileto, a ferida ainda esvurmava, lentamente, lentamente, gotta a gotta.

—Não fallem d'isso! Não fallem d'isso! supplicou a dona da casa, agitada.

—Porque não, Anna? suspirou a condessa. Porque se não ha de fallar da Morte, que é o mysterio que dá logar ás mais e mais brilhantes chimeras?

Falle, falle, doutor e diga-nos como se morre, aos montões, aos milhares, como o trigo, que hoje vi cahir, alli em baixo, ás mãos das ceifeiras.

—Que prazer tens, Joanna, em ouvir fallar da Peste? Nós e estes senhores estamos aterrorisados, loucos, a ver já corpos a apodrecer e em nós mesmos sentimos o humido suppurar d'esses bubões, de que falla o doutor.

—Se soubessem! se soubessem o que sinto, ao ouvir fallar da morte?! Imagino-me a morrer, apodrecida antes de mor-

ta, todos a fugirem de mim, da minha nudez que é nojenta, como a d'um estropiado. E sinto um terror suave, uma sensação igual á que sente alguém em cuja medulla passassem, rapidamente, dois labios de fogo, num beijo breve!

Ouviu-se um rumor, como se muitos carros viessem, desbocados os cavallos.

Um grande tremor de terra sacudiu o terraço, partiu os christaes e as porcelanas, de cima da meza, e uma fenda abriu-se no terreno, junto á cadeira da condessa. As senhoras fugiram apavoradas soltando ais, enquanto os homens se entreolhavam, nervosos.

A condessa ficou, sentada, os olhos fechados, mas pallida ainda, os labios sanguineos.

E teve a sensação de que tinha gosado...



De J. AGOSTINHO D'OLIVEIRA :

O SONHO DA TORRENTE

ANHELIA!

(A' genial poetisa e virtuosa esposa de Carlos de Lemos, a ex.^{ma} sr.^a
D. Beatriz Pinheiro) (1)



Anhelia, quando penso no teu genio,
Penso na Luz do Ceo que nos redime;
E, se te vejo Esposa e Mãe sublime,
Julgo-te um Anjo em puro ceo hellenio.

São para mim teus versos o oxigenio
D'esta pobre Alma que a Desgraça opprime;
E escuto-os, como pode um fragil vime
Ouvir o Assombro em seu ideal proscenio.

São versos d'ouro e versos de cristal,
Vozes d'um ceo que eu vejo e aonde não fui,
Se bem que o sonho o meu Paiz-Natal!

Mas — Esposa d'um genio — o arroubo flue
Mais d'alto do que o Sol beijando o Valle,
Ah! por seres, como és, a Mãe do Ruy!

1) Mandava talvez a convencional modestia—que, em regra, vã de passagem, é apenas a mascara da vaidade covarde—que se cortasse a primeira parte ao menos, por descabida, á penhorantissima dedicatoria d'este formosissimo poemeto: como porem, a proceder assim, ter-se ia então de decapitar o poemeto, cortando-se-lhe tambem todo o soneto preambular, preferimos passar por immodesta aos olhos dos outros que por sacrilega aos

*Se o vosso Filho, Mãe, como a Torrente,
Um dia despenhar
Em procura do Mar,
E vos fugir do seio, de repente,
Ah! tend' fê, que, a orar,
E' que se esmaga a tímida Serpente...
Pois, se a Ilusão não vive eternamente,
O vosso Ruy, Senhora, ha-de voltar!...*

I

E' meia noite ; as doze badaladas
Vêm devagar do campanario aldeão,
Como doze sinistras punhaladas
No peito das quebradas,
Da Natureza em paz no coração !

E' meia-noite ; e o Luar parece afflicto
De lívidas que tem as faces baças...
O Mar bate-se, ao longe, co'o Infinito...
E o Ceo lembra o granito,
Como lembras um morto, Aura que passas !

Meia-noite ! Nas Almas ha terrores ;
Nas trevas ha vestigios de duendes ;
No Abysmo, tristes calices de flores...
Só tu, Astro das dôres,
Um manto puro sobre a Terra estendes !...

Meia-noite ! Mysterio, medo e frio.
Empallidece, ao largo, a propria Serra,

nossos proprios olhos : seja-nos o sacrificio — que o houve — tomado á conta do subido apreço em que temos mais esta prova de sympathia espiritual que se dignou dar-nos o illustre poeta sr. José Agostinho d'Oliveira, já por tantos motivos credor de viva estima para o nosso coração de mãe amantissima.

B. P.

Como arcabouço d'um ideal navio
 Que além se submergiu,
 Num panico, sem voz que chegue á Terra !

Os cursos d'agua param sobre as penhas ;
 Finam-se estrellas na amplidão siderea ;
 Parece que vacillam as montanhas,
 Quaes vencidas estranhas,
 A doze punhaladas da Materia ! . . .

A Terra immensa treme, a Terra-Mãe,
 Com vinhedos em flor, e bosques d'ouro,
 Com lagos de crystal, regatos cem,
 Edens que são o Bem,
 E Bem que o proprio Deus chama um thesouro !

E a Terra á Solidão :—«Que desgraçada !
 Só eu não tenho o Esposo ao pé de mim !
 Só eu me lembro, d'alma espedaçada,
 De que a Noite cerrada
 Pode ser uma tampa cruel, sem fim !

Todos os dias, isto : uma Agonia,
 Do fim-de-tarde ao berço da Manhã ! . . .
 Quando vem meu Esposo ? Quando é Dia
 De semear a Energia,
 De semear o Perfume e a Côr bem sã !

Em hora triste, embarca no Horisonte,
 Incensado por cantos, por aromas . . .
 Vae trabalhar ! E passa o altivo monte,
 Beija, de lado, a fonte,
 Deixando a serra em flor — as minhas pômas !

Quando o seu rosto foge, tudo é morto ! . . .
 Meus versos, que são aves, emmudecem ;

Meus beijos, que são rios, negro o porto,
Morrem num côro absorto,
E estorcem-se a gemer, desaparecem...

Esvae-se ás rosas o fulgor das faces;
Choram as brisas nas devezas méstas;
E nos distantes visos, mais fugaces,
Lembram sonhos fallaces
As estorcidas cômas das florestas!

Ah! e se elle não volta?! Ouvi dizer
Que já lhe arqueja o peito ao transmontar;
Que, filho do Calor, ha-de morrer,
Porque ha-de arrefecer,
Como o Ceo, como a Vida, como o Mar!»—

E a Lua, em cima:—«As Horas vão passando,
Minha Dona, Senhora minha em flor!
Inda não vejo um raio, por mais brando...
E o Ceo está chorando,
Juntando á vossa dôr a sua dôr!»—

E a Terra:—«Vae olhando, Serva amada,
Que não venha um vulcão rasgar-me o seio,
E impellir-me, de chofre, ao pó do Nada!
E, assim despedaçada,
Como é que eu soltaria o meu gorgueio?!»—

E o Satéllite pio:—«Duas horas!. . .
Cae negro chumbo em cima do Universo!
Alvejas!. . . mas talvez porque descóras,
Saudosa das Auroras
Que te trazem do Esposo o olhar disperso. . .

Passa um Anjo a chorar!. . . Porque será?

Vae d'olhar triste, a aza tão pendida!...

Passou... e não olhou bem para lá!...

Acaso Jehovah

Lhe disse que está morta emfim a Vida?»—

E a Lua, como esp'rança derradeira,
Como alma d'um Delirio em prantos finda,
Lacrimosa expirou na cordilheira,

Tão meiga a face inteira,

Que a Dôr então par'ceu grandiosa e linda!

II

Mas, nisto, irrompe a Aurora, a irmã mais nova

Do Esposo que já ria no caminho :

—«Bom dia ! Ergue-te, vamos ! d'essa cova !

Irmã, eu sou a prova

De que o Sol vem beijar-te o rosmaninho !

A pé, ó cotovias feiticeiras !...

Pombas de neve, aos ceos, que chega a Luz !

Sorride em flor, severas cordilheiras !

Ide dormir, toupeiras !

Alegra-te no viso, humilde Cruz !

A pé, queridos rios crystallinos !

Mas não córeis de ver-me assim festiva...

Retangei nos remúrmuros violinos

Cem mil rosarios d'hymnos .

Sobre a maguada Terra pensativa !» —

E, núa a bella carne côr de rosa,

Afundou-se no Sol, chegado emfim,

Como se afunda a gôta voluptuosa

Na grande face undosa
Do Mar que tem franjados de setim.

E, alvoroçada, a Terra deu-se ardente
Ao Sol, que vinha a rir como um bom deus :
—«Amor, que treva a d'hoje tão pungente !
 Julguei que, de repente,
Morrêras congelado nesses ceos !»—

E o Sol :—«Oh minha Esposa ! se eu morrer
De frio, nas alturas, de vencido,
Ressuscitas-me tu, sem o saber,
 Com o teu seio a arder
Na braza lancinante d'um gemido !»—

E a Terra trespasssou-se dos seus beijos ;
Floriram-se-lhe as pômas refragantes ;
Cantou odes das aves nos harpejos,
 Da agua nos rumorêjos . . .
E o Sol com ella — um par d'Almas gigantes !

E tanto foi o Amor, e tão fervente
A espuma dos mil beijos permutados,
Que perfumosa e limpida Torrente
 Ali nasceu fulgente,
Envergonhando os rios sobre os prados !

E a Terra, ao ver brotar a lympha audaz,
Cavou-lhe logo um leito de rosaes,
Com pespontos de esplendido lilaz,
 E tão cheio de paz,
Que só Deus lá no Ceo pode ter mais !

Só Elle ! que, de cima, ao contemplal-o,
Pensou do Primeiro-Homem na Loucura . . .

E disse :—«Talvez que elle, em tal regalo,
 Não tivesse a tental-o
 A voz sinistra da Serpente escura !»—

E as avesinhas, lêdas, em choral,
 Azas batidas numa febre santa,
 Disseram, olhos postos no crystal :
 —«Lembra uma cathedral !
 Neste leito decerto um Poeta canta !»—

E trouxe a Brisa o póllen dos jacinthos,
 Como os Reis-Magos a Jesus o incenso ;
 E os pagens da Alvorada, os labios tintos,
 Vieram pousar os cintos,
 Cheios de beijos, neste leito immenso !

Uma roseira linda, que eu conheço,
 Posta num viso altissimo e radioso,
 Aguardou d'um tufão todo o arremêso,
 E, heroica, por tal preço,
 Logrou viver bem junta ao leito airoso.

Houve até quem ouvisse lá no Azul,
 Por uma noite pura e constellada,
 As lastimas do Luar que ia p'ra o Sul,
 Trémulo o véo de tul',
 Com nostalgia da Torrente amada.

E a bella Mãe :—«Torrente, filha minha !
 Tens por berço o rozal ; por beijo a estrella ;
 Por pagens, os arroubos da avesinha ;
 Por manto de rainha,
 A relva que o teu berço azul constella . . .

Brincas de seixo em seixo, descuidada,

Ungida de perfumes e de canticos !
 Ah! quanto mais não vale a paz amada
 De rolar perfumada,
 Do que a má febre de sondar Atlanticos? !»—

E ella, branca de espuma :—«O' minha Mãe,
 Beija-me a brisa a cútis crystallina ;
 Pende a mirar-me a esplendida cecém !...
 Parece que mel tem
 Em seu requebro dôce cada ondina !

Um cysne, que me oscûla, de manhã,
 (E quando o Sol, meu Pai, se vae embora
 Num adeus que me faz côr de romã...)
 Chama-me sua irmã,
 E numa voz tão linda, que até chora !

Tenho notado estrellas, vacillantes
 No firmamento azul que Deus nos deu,
 Fitando-me, a sorrir, tão fascinantes,
 Como heroicos amantes
 Que troquem pela Terra todo o Céu !

Mas, minha Mãe, eu sei—aves o contam...—
 Que ha deslumbrantes Mundos, muito longe...
 E é por isso que os astros se transmontam
 E, a raios d'ouro, apontam
 Desertos vastos, de que o Mar é o Monge !

E o Mar? E o Mar? Que sonho desconforme !
 Que mysterios num peito assim profundo !
 Nelle, que canta sempre, e nunca dorme,
 Que dizem ser enorme,
 Como tudo o que é bello neste Mundo !

Minha Mãe! minha Mãe! eu vou-me embora !...

Eu vou, de valle em valle, até parar
 Onde esse lindo monstro angustias chora!
 Aborrece-me a Aurora;
 Tenho sêde de dor; quero chorar!...»—

E a Mãe, numa tortura:—«Filha! escuta!...»—
 E a Torrente, rolando sem descanso:
 —«Minha Mãe, sou nascida para a Lucta!
 Meu Pae tambem labuta,
 Vindo só de manhã p'ra o seu remanso!

Não vês como se fina a azul florinha,
 E sécca a veiga que verduras cria?
 Eu volto já. Cá vou co'uma andorinha,
 Que é proxima vizinha
 Da livida e açoutada penedía!» —

E a Torrente sumiu-se espumejante...
 E a Mãe ficou-se a ouvir, tremendo, os passos,
 Cada vez mais febris, mas mais distante
 Seu rumor louquejante
 De Nympha que se abysma, abrindo os braços...

III

Findára o liso campo frescoroso.
 Um monte nú, de asperrimas gargantas,
 Levantara o seu dorso monstruoso
 De velho rancoroso
 Que não quer junto a si o olor das plantas.

Depois, ia quebrando numa linha
 De barranco feroz, que impelle ao Nada;
 E cada negra pedra, vil, mesquinha,

—Um punhal sem bainha—
Tem no cimo a agudez d'uma dentada.

E a Torrente chegou, na força augusta
D'uma Fé que galopa, e não recúa ;
Esbateu-se, espumando, e tão robusta,
Que o proprio Deus se assusta,
E cáe do engaste a pallorosa Lúa.

Mas o Monte resiste, como um Forte;
(Pois se elle desafia a Immensidão !)
E, o cume altissimo em agudo córte,
Rebrame d'esta sorte :
—«Para traz, miniatura do Trovão !»—

E ella, fervendo, cresce, ruge, investe !
Brilham-lhe espadas nas ondinas brancas !
Toda a luz da Chimera azul-celeste
Os musculos lhe veste
Ao lançar-se do Monte ás negras ancas !

Investe; e chega ao tôpo que ella innunda !
Investe; e rasga um sulco nos rochedos !
Investe; e vae correndo mais jocunda,
Funda, sempre mais funda,
Com pasmo dos distantes Arvoredos !

E a Montanha :—«Maldita Aventureira !»—
E ella :—«Eu quero correr ! eu quero ver !»—
E, igual do Tasso á esplendida Guerreira,
Avança tão ligeira,
Que parece uma Ideia a combater !

Ha um lampejo no Espaço ; ella passára,
Como passam a arder os sons d'um Hymno !

Maior que a sua irmã do Niagara,
 Cae do monte na seára,
 E, da seára, no areal immenso e fino.

E, em baixo, o Mar, que espera sempre os Sonhos,
 Que espera as Náus sem leme, num rugido,
 E, como o crocodillo, aos ais tristonhos,
 Cólhe, em ardís medonhos,
 O ingenuo Sonhador compadecido ;

E, em baixo, o Mar, que então lembrava um lago,
 A albergar dentro em si uma Alma bôa
 Que ande a sonhar no Abysmo um sonho vago,
 Glacido como Yago,
 Abriu a bolsa turgida... e tragou-a!

E a Torrente:—«Porque é que me espedaças ?
 E eu que vim de tão longe, a conhecer-te!
 E eû que vim p'ra chorar tuas desgraças !...
 Porque é que assim trespassas
 A quem julgou um céo o ouvir-te e vêr-te ?

Mas o Mar ondas e ondas alevanta,
 Como quem vai construir outra Babel !...
 E a Torrente, desfeita, já não canta !...
 A sua Dôr é tanta
 Que cada ondina é qual cachão de fel.

Ás vezes, num aneio, num esforço,
 Sóbe do Algoz á rumorosa tóna,
 A gritar, a gritar, como um Remorso :
 —«Em que máguas me estorço,
 Minha saudosa Mãe, ó santa Dona !»—

Mas vem, ao largo, o estalo d'um chicote ;

Desaba uma parede tão brutal,
 Que a submerge, como se fósse a um bóte,
 Sem que nada denóte
 Uma alma neste monstro a cuspir sall

E, vendo-se morrer aos pés das algas,
 Em derradeiro aneio murmurou :
 — «Não vês as chagas que incessante salgas?
 Monstro! esmagas, cavalgas
 Quem foi livre e feliz, quem já cantou?» —

Mas o Mar, sempre uivante, não attende...
 Empina-se num ronco de panthera ;
 Sóme-se, mostra-se e, por fim, ascende
 A um rochedo, que esplende,
 E despenha febril sobre a Chimera !

Não pára, não se emóve, não responde...
 Até que, um dia, chega o Temporal!...
 Vem lá de longe, ninguem sabe d'onde,
 E um azorrague esconde
 Nas rugidoras dobrás do avental!

E o Mar :— «Poupa-me á colera, Tufão!»—
 E elle :— «E' a Terra, a grande Mãe chorosa
 Que me manda rasgar-te o coração,
 A' busca da Illusão
 Que afogaste na vaga tormentosa!»—

E, nisto, o Arco-Iris descendeu tambem ..
 Lembrava o Redemptor no puro brilho,
 Braços abertos, protegendo além
 A grande Terra-Mãe
 Que lhe pede o regresso de seu Filho.

E o Mar viu-se rasgado, de repente,

Como um campo cavado por um deus!
Debalde se estorceu raivosamente...

O Arco-Iris e a Torrente
Seguiram, abraçados, pelos céos!

IV

Chove muito; mas tudo rejubila
Na Terra sêcca, morta quasi, pobre!
Por entre a chuva, Deus fita a pupilla
Na verdura tranquilla
Que a chuva, em perolas, beijando, cobre.

E, em ineffavel canto, rosas, aves,
Perfumes, brisas, deliciosas sombras,
Rompem num hymno de murmurios graves,
Tão meigos e tão suaves,
Que todo o Ceo se espelha nas alfombras!

Vinha assim a Torrente — a Filha! — em gotas,
Ao coração da Mãe, que a chorou tanto!
Que fluidos tem a Dôr das Almas, rôtas,
Como desfeitas frotas,
Sobre o mar alto do mais alto pranto!

E, se é a Mãe quem chora e quem comprime
O coração nas fauces da Amargura,
A Dôr é um thaumaturgo, um Deus sublime;
Não parte só o que opprime;
Arranca os mortos mesmo á sepultura!

E a Mãe: — «Inda alli está teu leito puro,
A mesma relva, as mesmas rosas bellas...
Não chores! Como vens do Mar escuro,

Julgas negro o Futuro,
E elle é um caminho illuminado a estrellas!

Mãe, — e remi-te! És filho, como nunca!
Não chores o teu erro; que inconstancia
Não é julgar a Vida uma espelunca,
Ter o Sonho, que junca
De fementidos astros toda a Infancia!

Finou-se-te a Illusão? Brinca em meu seio;
Beija o olhar de teu Pae que andou em braza,
Com febre tal, que se estancou o veio;
Tisnou-se a Flor e, feio,
Seccou-se o Rio, em fogo toda a casa!

Não quero mais Amor; quero mais Paz;
O Sonho com o Sonho, as Almas numa,
Sempre intimos e meigos! E quem jaz
Em mysterio fallaz,
Que seja como a flor da vaga espuma!» —

V

E, nisto, o Sol fulgiu; Terra e Torrente,
Encantadoras ambas, braços nús,
Uniram-se, gemendo dôcemente,
Numa paixão ardente;
E assim se beijarão eternamente,
Cheias de Fé, cheias d'Aroma e Luz!

Julho—1899



De JULIO DE LEMOS:

Na alcova de Esther



— «Suba!» diz-me a creada. E subo. Passo um corredor, abro a porta, levanto o reposteiro de sêda granada e, pé ante pé, entro na alcova da appetecida Esther. A doce morenita minha amante — suprema arrelia! — dorme ainda, toda n'uma indefinivel quietude de hetaira exhausta, n'um como estranho abandono de molleza confiante...

Graciosamente estirada n'um formoso leito Regencia, o busto rebentando-lhe de entre as jaspeas espumas d'uns lençoes finissimos, o cabello incomparavel desenastrado, todo em vagas sedosas, a esperguiçar-se-lhe pelos almofadões de linho, uma pompa de seios nús que se alevantam ao respirar, os carmineos labios entreabertos ciciando brandamente a sua canção habitual e mysteriosa, Esther, a tão appetecida Esther! sonha... sonha... comigo talvez...

Nunca me pareceu tão infinitamente seductora, nem tão formosa, tão delicada, tanto *de cima*... O seu somno é tranquillo, tal como deve ser o das virgens que Nosso Senhor tem lá. Revê-se-lhe na fronte sem rugas toda a ideal graça que irradia da sua bondade excelsa. Contemplo-a na vaga pallidez da face, na serenidade da palpebra diaphana, na alvura do collo setineo, como no modelado irreprehensivel dos braços descobertos, na perfeição voluptuosa dos contornos...

Sento-me n'uma poltrona, sob o dominio calido d'uma quebreira obstinada, avido de afagos, de embriagantes delicias e refinamentos ignorados. Ondêa no ambiente um aroma capitoso e acre de coryolopsis. Na morna quietação da alcôva peza um ar de fadiga...

O murmurio do silencio enche-me os ouvidos. Pegam-se-

me as pupillas. Coadada pelos stores corridos, a claridade tom-
ba discretamente na penumbra. Não sei o que de intangível
adormenta as coisas. . E eu todo me dou, também, a uma
sommelencia innominada, parecendo-me que são ellas quem m'a
vae traspassando invisível e lentamente. . .

Ella está d'alli a chamar-me, do leito. . . Move os labios,
onde saltitam beijos. . . Implora, estende os braços tanta vez
collados ás minhas costas, em abraços longos, d'uma ternura
felina. . .

Um sorriso encrespou-lhe agora os labios. Riu-se para
mim, de certo. Ou de mim? De mim, talvez de mim! Está
a vêr-me a indecisão, antegosa aquella fraqueza que tanta e
tanta vez me accommette junto d'ella. . .

Que sorriso! Sac-lhe tão bem dos labios, tão facil, tão
natural como a agua sahe d'uma bica. . . Ganhou-lhe já innu-
meraveis paixões, deu-lhe já tantos amores como os fios ane-
griscados do seu capacete de cabellos e é ainda hoje o seu
mais vivo encanto, tanto que, de vel-o, sinto eu um innenar-
ravel goso physico. É uma alegria para o meu olhar, faz-m'a
mysteriosamente desejavel, enebria-me, perturba-me, enton-
tece-me. . . Julgo-me partido para muito longe, para uma re-
gião ignota. . .

E a delicia da sua voz? Combinae um roçagar de sedas
e o estrepito de duas boccas que se unem e tel'a-heis, tal qual...
Esquece-se a gente a ouvil'a! Tanto nos envolve, que d'ella
ficamos prêsos. . .

Abriu os olhos. Que esplendor! que meiguice! E levanto-
me, vou apertar-lhe as mãositas lindas de marfim, ebrio:

—Esther! Esther!

Está surprêza. Não me sabia alli, nem contava commigo.
E estende-me o braço; e pede-me caricias. . .

Desvairado, caio sobre o fôfo tapête de Smyrna, que se
esperguiça pelo chão, junto do leito, a rezar-lhe, de joelhos. . .

E ella, indolente, entre brandas baforadas:

—Tonto! que fazes? Vamos; não sejas lamecha. . .

Estremeço e levanto-me. Se sou lamecha !... Ella então ri-se com uma alegria enternecida, ás guinadas... E fica-se n'uma postura carinhosa...

Não sei aonde estou, nem sei o que faço. Vago ao deus-dará... Mas ella accorda-me :

—Lamecha ! Tonto ! Vamos...

E então, subitamente, os olhos nos seus olhos, interrogo :

—Que queres ?

E ella, muito doce, a carne a irradiar-lhe :

—Mata-me, Jorge !



POESIA DO LAR ITALIANA (1)

I

(De Giovanni Marradi)

Tu dormes : e, entretanto, eu oro assim, Querida :
—Oh resplendor do Azul immaculado e pio,
E, sobre o mar tranquillo e nas noites d'estio,
Oh cupola do ceo estrellada e florida ;

Oh silencio, oh salgado aroma bom, sadio,
Da alga da minha patria á beira d'agua erguida
Quando, na embriaguez do goso adormecida,
Loiro o pollen fecunda a flor, a arder em cio ;

Suavissimos cantando, oh rios d'harmonia
Sulcando todo o ceo; e vós, povo invizível
De deuses que dizeis palavras de magia :

Banhae-lhe, emquanto dorme, as velludasas pomas
E todo o gracil corpo elastico e flexível
Num diluvio de luz, de musica e de aromas !

1) = Já em tempos, num jornal de Coimbra, comecei a publicação d'um ligeiro estudo sobre a Poesia do Lar Italiana e a radiosa pleiade de fecundos e excellentes poetas que nessa orientação se inspiram = Guido Mazzoni, Giovanni Marradi, Severino Ferrari, Giovanni Pascoli, Giuseppe Piciolla e tantos outros = todos elles mais ou menos directamente derivados de Carducci, Zanella e De Amicis.

Acabou o jornal, e o estudo ficou por então interrompido.

Ainda um dia voltarei a elle, mas então em melhores condições de o realisar satisfatoriamente, depois de bem conhecer as obras por aquelles poetas publicadas.

Por agora, só estas duas traducções, que apenas valem como testemunho da viva impressão que me deixou a leitura dos originaes.

C. DE L.

II

(De Guido Mazzoni)

Sorris. Sonhas accaso um ninho de cambraia
E nesse ninho, oh sancta Amiga, uma creança,
Onde o teu coração encarne uma esperança,
Que o teu labio ao seu labio em extasis attraia ?

Accaso escutas já, sobre os pannos bordados,
No perfume subtil, que um rosto em flor exhala,
A aria de esquecer com que o repouso emballa
Os angitos do ceo, do ceo ainda lembrados ?

Tambem ella ha-de amar, a nossa filha ! e ha-de
Tambem sonhar que tem um filho no regaço...
E nós, velhos então, recordar num abraço
O sonho que ella foi na nossa mocidade...

Traducção de CARLOS DE LEMOS.



De Mr. ARY RENÉ D'YVERMONT :

Sorriso de Creança (1)

(COSTUMES MODERNOS)

A *Philéas Lebesque* :

Tant que sur cette terre où vraiment je ne veux
Ni socle olympien, ni colonne trajane,
On ne m'ôtera pas le sourire de Jeanne.
(*L'Art d'être grand-père*) V. HUGO

Sahiu de casa ao romper da manhã, muito assente no seu proposito. Todo absorvido na sua ideia, evitando a gentiaga que a pouco e pouco enchia as ruas, caminhava em direcção á porta mais proxima da cidade.

Para o conde Alberto, habituado a dormir até tarde, era muito cedo ainda, e o espectáculo do acordar da natureza, novo para elle, punha-lhe na alma uma sensação desacostumada, uma agitação nervosa, uma turvação de espirito, um conjuncto de emoções diversas que nem sabia explicar.

E, passeando os olhos em volta, o conde Alberto de Res-

(1)—Na impossibilidade, por agora, de enviar-nos um *inedito* para a nossa *Salla de visilas*, lembrou-se, muito amavelmente, Mr. Ary René d'Yvermont de nos indicar, para ser traduzido, um lindo conto seu *Sourire d'enfant*, publicado num jornal de Mons, *La Verveine*, cujo é assiduo e meritissimo collaborador.

Favor que não foi pedido mais é d'agradecer : assim dever indeclinavel se nos tornou tradusir para portuguez, o melhor que ser podesse, a pequenina joia litteraria. Para ella abrimos logar nesta revista, certos de que os nossos leitores e, sobretudo, as nossas leitoras muito nos hão-de agradecer termos uma vez mais sahido fóra do nosso programma.

Ao illustre poeta dos *Chants de l'âme*—os nossos agradecimentos : e mais uma vez lhe rogamos, para breve, o favor de collaboração inedita, para lhe darmos logar d'honra, no original.

A Direcção

taing pensava: Bella manhã para dizer adeus á vida; paz em roda, paz no espirito eterno, paz no futuro...

Estava cansado, muito cansado da monotonia da existencia; e assim, fôra com um verdadeiro desafogo que na vespera, antes de se deitar, e depois de ter regulado os seus negocios, dissera de si para si:

«Amanhã matar-me-ei.»

E agora, no momento de deixar a vida para mergulhar no nada, nesse nada tão sombrio e tão mysterioso onde a propria sciencia pára, sem comprehender, sem discernir coisa alguma para além do tumulo, o conde de Restaing evocava o passado, examinava a sua vida e não encontrava, cheio de dor, senão o vasio, o egoismo com a mascara do ideal, a ternura e a amisade venaes: falsidade, traição na caricia, no sorriso e no abraço fraternal.

Estava decidido a acabar com aquillo. Muito lentamente, o desgosto da vida subia-lhe do coração ao cerebro e suffocava-o; sentia-se feliz por morrer sem ouvir lamentações, sem ter quem o chorasse.

Mas não era verdade! revoltava-se-lhe o coração contra uma atonia de sentimentos tal, e as suas pancadas precipitadas pareciam gritar-lhe: «Mentira! Mentira!»

Bem sabia o conde Alberto que, apesar da sua ataraxia moral e do seu fervoroso desejo, uma dor profunda e verdadeira havia de acompanhar o seu caixão e banhar de lagrimas ardentes a terra ainda fresca onde o seu cadaver repousasse.

E no meio de todos estes pensamentos, tranquillo em face da morte, lia-se-lhe nos olhos uma necessidade suprema, o torturante desejo d'uma vida socegada ao lado d'aquella que do fundo do seu coração de virgem tão poderosamente o tinha amado.

O acaso os aproximara, elle, o nobre, o elegante conde Alberto; ella, Emilia, a modesta e candida orphã.

Calculadamente, sem escrupulos, sem hesitações, por uma bella tarde de maio, durante um passeio ao campo, elle a se-

duzira e ella se lhe entregara com todo o abandono da innocencia.

Que thesoiros d'affecto não encerrava esse coração de rapariga psychologicamente honesta! Mas tudo passa, tudo desaparece, e, um bello dia, nova aventura attrahiu o coração de Restaing que abandonou cobardemente a desventurada Emilia.

Altiva demais para mostrar a dor que sentia, nem um soluço, nem uma ameaça o conde lhe ouviu: teve apenas um grito, mas que lhe despedaçou o coração, tão lancinante e tão decisivo elle fôra:

—Nunca mais me verá, senhor, e, se é homem honrado, nem mesmo tentará ver-me. Saiba que vou ser mãe dentro em pouco; mas saiba tambem que não existirá para aquelle que vae nascer.

Nada mais.

E lá foi cheia de aprumo e de nobresa, resignada com a sua sorte, encetar corajosamente a lucta pela existencia.

*
* *

Dois annos tinham decorrido desde aquelle dia, e agora que o conde Alberto interrogava o coração, extranho d'ahi em diante a todo o pensamento de vida, a lembrança do passado surgia imprégnando-lhe a alma d'uma vclupia profundamente triste á ideia d'esse palido rosto de rapariga loira, ideia a que elle se agarrava como a uma taboa de salvação.

De resto—em voz baixa e só para si o dizia, por quasi que envergonhado d'esse sentimento—experimentava por Emilia, desde o dia em que a abandonara, um amor violento, cego e irresistivel, que lhe tirava toda a esperanza de felicidade: e nessa crise cardiaca sentia-se morrer.

Morrer! Ah! sem gosar o sorriso do seu filho, d'essa creança a quem déra a existencia num momento de delirio, de goso frenesiaco e que—desgraçado que era!--nunca tinha visto.

Oh! que lindo que devia ser esse filho do amor, d'esse amor concebido puro e sem pensamento reservado!

Apoz uma hora de caminho Restaing parou e assentou-se no tronco d'uma arvore, abatido por aquella evocação do passado.

Estava commovido; enchiam-se-lhe de lagrimas os olhos. Por um momento lhe vacillou a resolução da vespera; continuava a obsidial-o o seu pensamento. Em vez de se matar, porque não corria para lá, lá, onde o esperavam a felicidade e o amor? Uma voz imperiosa zumbia-lhe ironica aos ouvidos:

«Vamos, sê forte! corre desassombradamente para a poesia idyllica do lar, e d'uma vez para sempre penetra, velho libertino, no caminho da virtude.»

E sussurrava-lhe uma outra voz:

«Não comprehendes, infeliz, que não alcançarás nunca perdão para a tua infamia, que morreste para o teu filho? Risca do numero dos vivos o teu nome, e então mãe e filho te prestarão um doce tributo de amor e saudade.

O conde Alberto relanceou os olhos á volta de si: nem viva alma, nem um ruido. Tirou o revolver da algibeira resolutamente e encostou-o a uma das fontes.

Mas nesse momento terrivel que ia ligal-o á Eternidade, teve uma rapida allucinação, julgou ver um pequeno angito muito risonho que procurava, com as mãos côr de rosa, fazer-lhe errar o tiro. O braço armado cahiu inerte.

Apanhou o revolver, levou á frente uma das mãos, humida de suor, e impellido por uma subita inspiração:

«Não, matar-me-ei depois: mas quero primeiro ver o meu filho!»

Perturbado, o rosto contrahido, num irresistivel impulso de amor paternal que a dentro d'elle se lhe erguia, indomivel e dominador, deitou a correr como um doido para a morada de Emilia.

Habitava ella uma casita branca, vestida de trepadeiras, aceada e tão attrahente como um ninho d'amor.

A porta estava meio aberta.

Ao chegar, o conde Alberto parou para tomar respiração e arranjar um pretexto qualquer para entrar e conseguir que ella o recebesse.

O coração precipitava-lhe as pulsações como na primeira entrevista d'amor. Avançava cautelosamente, rente com o muro, e tanto a furto como o faria um ladrão que tivesse na ideia uma assaltada.

Entrou, e, como ninguem lhe apparecesse, endireitou para o quarto de Emilia pensando encontral-a.

Na penumbra, deitadinha num berço ao lado da cama da mãe, avistou uma creança a dormir tranquillamente, um pequenino anjo loiro e rosado como Emilia, de labios escarlates a florirem numa bocca pequenina.

Extasiado a vel-o, o conde Alberto ia para beijar o pequenino, quando sentiu o ruido d'uns passos que se approximavam e se viu obrigado a encolher-se todo por detraz dos cortinados do berço.

Viu-a entrar...

Era ella, sempre bella e grave, vestida de preto como uma viuva, o rosto cheio de melancolia. Aproximou-se da caminha, acordou a creança com um beijo, fel-a ajoelhar sobre o travesseiro, juntou-lhe as mãositas e disse-lhe:

«Vá, meu Ricardinho, dize lá agora a tua oração da manhã, como fazem todos os bons meninos ao acordar.

E beijando-o na testa obrigou-o a repetir, lentamente e com fervor, como só as creancinhas sabem fazel-o, estas palavras:

«Meu Deus, fazei com que o papá tenha sempre muita saude e volte cedo para mim, que gosto muito d'elle.

De Restaing ouviu estas palavras profundamente impressionado; lagrimas lhe deslisařam pelas faces; e durante um momento permaneceu indeciso, hesitando entre o temor de ser repellido e o desejo de se lançar aos pés d'essa mulher que ensinava o filho a orar por aquelle que a trahira e a abandonara

Acabada a oração, o bambino de loiros caracoos preguntou:

«Mãe, quando é que o bom Deus ha de trazer-me o papá?

Sem já poder resistir á emoção que o suffocava, o conde Alberto dobrou os joelhos deante do berço, gritando-lhe em soluços:

«Aqui estou, meu Ricardinho, para ficar toda a vlda ao pé de ti!»

Salvo pela innocencia do tedio á vida, veio a poesia do lar encher-lhe d' affectos todo o vacuo d'uma vida desregrada.

Tradução de

BEATRIZ PINHEIRO.



A Emancipação da Mulher

(Analyse critica d'um artigo do Rev.º Padre Senna Freitas)

AO Rev.º Padre Senna Freitas, que já fez a autopsia ao livro d'um grande poeta, não deve de modo nenhum surprehendel-o que um poeta, minimo—em relação áquelle—faça uma ligeira critica ao artigo d'um padre, mesmo que esse padre seja, como o Rev.º Padre Senna Freitas no juizo da *Tribuna*, distincto litterato, eximio orador sagrado e uma das mais puras glorias do clero portuguez. Disse:—no juizo da *Tribuna*. . . E' que, certamente por culpa minha, no artigo em questão (refiro-me ao que veio publicado nos n.ºs 34 e 35 da *Tribuna*, sob o titulo *Emancipação da Mulher*) não cheguei a descobrir nem o distincto litterato e eximio orador sagrado, nem sequer o simples padre ou ainda o christão:—o que nelle se me deparou foi, ai de mim! o pregoeiro das ideias mais acanhadas de Proudhon e das theorias mais discutiveis de Comte: quer citando-os; quer plagiando-os O resto é toda a frandulagem romantica de Cástilho e de Herculano, rebuçando muitas banalidades e não poucas falsidades.

Da analyse do artigo rasaltará, evidentissima, a verdade do meu asserto que, confesso-o, á primeira vista, ha-de parecer temerario aos que julgam dos homens pelos creditos adquiridos sabe Deus como, que não pelas obras praticadas sabe ás vezes o demo com que intenções. Falta-me espaço para periphrases euphemisticas: entro pois no assumpto sem mais preambulos.

*
* *
*

A primeira falsidade é logo no segundo periodo: diz S. Rev.ª:

—«Principiaram a ventilal-o (o assumpto da emancipação da mulher) algumas *bas-bleus* do tempo de Proudhon...»

Não eram *bas-bleus* «as americanas Lucrecia Mott, mulher d'um espirito clarissimo e dotada d'uma rara eloquencia, Elisabeth Cadyganton, hoje decana das feministas americanas, Elisabeth Pease, a mulher do celebre deputado e orador Wendel Ptutepps» (são da *Educação Nacional*, n.º 158, as palavras entre cômas). Ora, ainda antes de apparecer o celebre romance de Harriett B. Stowe, já estas senhoras tinham fundado sociedades para a abolição da escravatura (*Antislavery societies*); e, como não tivessem sido admittidas ao congresso internacional que para tractar da abolição da escravatura se reunira em Londres em 1840 (indignidade contra que muitos protestaram e, entre elles, W. L. Garrison que levou o seu protesto a ponto de se recusar a tomar assento na sala do congresso) passaram então a trabalhar ardentemente pela abolição das duas escravaturas—a do homem negro... e a da mulher branca. São ainda da *E. Nacional* as informações.

Mulheres que trabalhavam para a realisação d'um tão alto ideal—e com muito talento e muitissima energia—não podem ser classificadas de *bas-bleus*, assim sem mais nem menos.

Segue S. Rev.^a:

—«O sexo interessado tem enchido kilometros de papel... a defender a theoria da emancipação da mulher.»

E' verdade; mas não é toda a verdade. A verdade toda é que esses kilometros de papel (vá o modo de dizer de s. Rev.^a) teem sido cheios, não apenas pelo sexo interessado, mas tambem, e em grande parte, pelo outro sexo—por homens da envergadura de Michelet, Pelletan, J. Simon, Stuart-Mill e outros, que sobre o assumpto escreveram volumes.

Tenho aqui na estante (e conheço-os de os ter lido muito e meditado muito) *La Femme, L'Amour, La Bible de l'Humanité* e *Le Prêtre, la Femme et la Famille*, do primeiro; do segundo, *La mère*; do terceiro, *La Femme au XX.^e siècle*; e de St. Mill o seu tractado sobre a subjeição da Mulher.

Diz depois S. Rev.^a que «não deixa de ser *interessante*,

engraçado e até algo comico (o sublinhado é nosso) assistir a esta carga cerrada... para defenderem, *com uma impetuosidade digna de melhor causa o seu ideal de civilização* ou, o que lhe equivale, de *dessexualidade*.

Vê-se a pouca seriedade, a leviandade, a inconveniencia mesmo (bem impropria d'um sacerdote, vá de passagem) com que S. Rev.^a se deitou a tractar o assumpto. Chamar ao ideal do movimento feminista ideal de virilisação ou dessexualidade (appetecia-me dizer sobre o caso umas coisas a S. Rev.^a; mas, pois que S. Rev.^a tracta o assumpto a brincar, quero eu tractal-o a sério: adeante pois) chamar-lhe isso é... é dar razão ao auctor do artigo *Feminismo*, publicado em quatro numeros da *Vanguarda*, que, apontando do lado das mulheres a «falta de nitidez nas opiniões formuladas» (o que não admira) accrescenta que do lado dos homens tem havido «carençia de rigor, e até ás vezes de boa-fé, na interpretação» (o que em boa verdade revolta).

De resto S. Rev.^a esqueceu-se de que Jesus-Christo (*meu prototypo e meu Mestre*, diz S. Rev.^a) esqueceu-se de que Jesus-Christo aconselhou aos seus discipulos que fossem mansos como as pombas e astutos como as serpentes: nem foi astuto... nem manso; porque decerto não é mansidão o sentimento que revelam as seguintes palavras insulsamente madri-galescas, que não destoariam na bocca desdentada e fedorenta d'um *leão* decrepito, mas que me surpreendem, e enojam até, na bocca d'um padre e d'um padre como o Rev.^o Senna Freitas: são estas (S. Rev.^a falla de «um ou outro pequeno labeu atirado ao nosso sexo que o não leva a mal»):

«São mãos delicadas que mesmo quando nos ferem, não chegam a esgarçar-nos a epiderme.» Juro que não foi nos Evangelhos que S. Rev.^a aprendeu estas chochices rhetoriqueras; nunca Jesus-Christo, *seu prototypo e seu Mestre*, ensinou aos seus discipulos aquella linguagem...

Diz mais S. Rev.^a:

«Temos lido com inteira calma boa parte do que sobre a questão pertinente se tem entornado sobre o papel.»

Ora, a avaliar pelas coisas que S. Rev.^a entornou sobre as columnas da *Tribuna*, não parece que tenha lido: isto porque S. Rev.^a, se tivesse lido, teria comprehendido e não viria, muito embora o feminismo lhe não fosse sympathico, fallar d'elle tão frivolamente e, o que é peor, desvirtuando-o, falseando-o, calumniando-o. O Feminismo é uma questão de pão, disse Jeanne Leroy: e, consequentemente, uma questão de dignidade, acrescenta o sensato e talentosissimo articulista da *Vanguarda*, a cujo estudo já me referi.

Mas a S. Rev.^a (valha-nos ao menos isto!) tambem lhe repugna o aviltamento da mulher que elle vê *atravez do prisma da Historia antiga* (e só então?!...) e ainda hoje descobre *sob o colmo da cubata africana* (e só ahi?!...) ...

Esquece-se S. Rev.^a dos milhões e milhões (porque são milhões!) de mulheres votadas pela luxuria e maldade dos homens á innominavel e nefandissima miseria da prostituição — ainda hoje, ainda 19 seculos depois da vinda de Christo, ainda no seculo XIX e, o que mais revolta, nos paizes dictos civilisados, nos paizes que blasonam de catholicos!... D'isso se esqueceu S. Rev.^a: por isso é que elle só viu a mulher aviltada *atravez do prisma da historia antiga* ou, hoje, *sob o colmo da cubata africana*.

Na Europa e no seculo XIX, não; aqui e agora, nada d'isso viu S. Rev.^a: e é padre: e tem, e deve ter, larga experiencia do confessorario: e não vê! e não sabe! E' lá crível esta cegueira?! esta ignorancia?! E é quando o movimento feminista arvora o seu pendão de guerra — guerra justa, pois então?! guerra sancta; mais sancta, sem duvida, do que a que prérgaram Pedro Eremita, o apostolo exaltado, ou Joanna d'Arc, a sublime allucinada! — é quando o movimento feminista arvora o seu pendão, onde em letras de fogo está gravado o lemma — *Guerra á Prostituição!* — é, em tal momento, que S. Rev.^a vem combater, com gracejos de mau gosto e com lamentações crocodilianas, as ideias d'esse movimento e classificar-lhe o ideal de ideal de virilisação e de dessexualidade! Ainda se o combatesse com argumentos serios!... mas

qual?!... São as velhas antitheses de *força* do homem e *belleza* da mulher, de *razão* e *sentimento*, etc.; e julga S. Rev.^a ter feito uma grande obra!...

E depois d'essas estafadas antitheses seguem então estas palavras:

«Porque o homem é o forte, é sobre seu braço, sobre seu hombro vigoroso que a mulher *deve apoiar-se*...»

Mas quem diz o contrario? Exactamente, porque esse apoio lhe falta, porque esse braço, longe de a levantar do chão, mais a enterra por vezes na lama, é que toda esta bella revolta vingadora e abençoadissima se opera aos nossos olhos e aos olhos de S. Rev.^a; e o que é de sentir é que só agora seja!

«O contrario, ajunta S. Rev.^a, seria irrisorio.»

Mas quem é que quer o contrario?!... A emancipação da mulher não tem em mira o predominio da mulher sobre o homem: tem simplesmente em vista a sua equivalencia de direitos e de deveres: nada mais.

O predominio da mulher sobre o homem — e pelos meios que S. Rev.^a aconselha, esquecido de que é um ministro de Jesus Christo, *seu prototypo e seu Mestre*: «pelos seus encantos naturaes .. pela influencia fascinante da sua docilidade que cede (!...) e da sua ternura que dissimula (!..)» — o predominio da mulher sobre o homem, por taes meios, a Historia d'hontem e a Historia d'hoje o apontam a cada passo, nas alturas dos Thronos: vide Lavallière, Pompadour, Maintenon; e a vida de todos os dias nol-o mostra onde quer que uma mulher queira obtel-o sobre um homem.

E' exactamente por ter *cedido* muitas vezes por docilidade e por ter *dissimulado* muitas vezes por ternura, que a mulher tem sido e ainda hoje é infelizmente, não «o anjo, o sorriso, a rainha da familia» como diz S. Rev.^a; mas sim — «instrumento de vicio, objecto de luxo ou besta de carga» como diz o articulista da *Vanguarda*. E, propositadamente, não perco occasião de pôr em confronto os dizeres dos dois artigos, porque é na verdade digno de nota isto: que um padre, *luz do mundo e sal da terra*, diga banalidades e falsidades: e esteja

a seriedade e a verdade num jornal que não passa por muito orthodoxo aos olhos da Igreja.

E quando a victima é a mulher e quando a mulher é a fraca, a oprimida, a escravizada, a disfructada em summa, o Rev.^o Padre Senna Freitas só tem commiseração do homem, a quem, se a mulher se emancipa, «fallecerá o balsemo confortador, etc»! Como se o homem não merecesse bem essa deserção do lar, esse abandono, tudo isso em summa; se bem que, felizmente, nada d'isso preciso seja para que a mulher se emancipe:—porque, repitamol-o, a mulher para se emancipar da tutella humilhante, desmoralisadora e antisocial do homem, não precisa de *masculinizar-se*, como entende S. Rev.^a: basta-lhe ter a consciencia da sua propria dignidade e proceder de accordo com a voz d'essa sua consciencia: nada mais. E depois de fallar no *par androgyno* e de abordar a *theoria dos contrarios* (que Schopenhauer espirituosamente desenvolveu...) desata então S. Rev.^a a maldizer a philosophia emancipadora da mulher, como se essa não fosse a philosophia do Christo, *seu prototypo e seu Mestre*, para, mais abaixo, dar toda a sua adhesão á philosophia de Proudhon—de Proudhon que definiu o amor *un mouvement des sens qui a son principe dans le rut*. .—e adhesão tão firme e tão cordial que chega a apresentar como sua uma phrase que é das *Contradictions Economiques* do illustre mas incoherente philosopho francez!

Diz S. Rev.^a:

«Não ha meio termo para ella, ou caseira e honesta ou rucira e rameira; ou dona de casa ou cortesã.»

Diz Proudhon:

«Courtisane ou ménagère, je n'y vois pas de milieu».

Querem mais flagrante o plagiato, quero dizer, a adhesão de S. Rev.^a ás ideias de Proudhon?

E é S. Rev.^a que amaldiçôa a philosophia emancipadora da mulher, a philosophia de Jesus-Christo, em summa; e é sua Rev.^a que apregôa aos quatro ventos as ideias dissolventes, neste caso, de Proudhon!

Não é isto o cumulo do absurdo ?

Se S. Rev.^a fosse um padre ignorante e estúpido, (como desgraçadamente ainda ha alguns em Portugal, se bem que muito menos do que por ahi se diz...) não me surprehendia nem revoltava: assim... fico-me a pensar nos desmandos da rasão de S. Rev.^a, quando se propõe defender uma má causa.

O Padre Alvaredo, jesuita, apresentou como these, compromettendo-se a sustental-a, a seguinte proposição:—Antes queremos errar com S. Basilio e Santo Agostinho do que acertar com Descartes e Newton—: o Rev.^o Padre Senna Freitas não sustenta; faz mais: pratica o inverso:—prefere errar com Proudhon a acertar com Jesus-Christo! De resto as maldições por S. Rev.^a arremessadas á philosophia, são um ecco das maldições que vi formuladas no *El Pensamiento Español* (n.^o 256g): tambem elle maldizia a sciencia e bemdizia a ignorancia, afirmando que Guttemberg fôra o homem mais funesto que brotou da raça de Adão, chamando bemfeitor da humanidade ao homem que fosse um novo Omar e dizendo que philosopho era synonymo de barbaro.

Isto dizia o *El Pensamiento Español*...

Certo corregedor de Madrid, então, ali por 1823, mandava affixar pelas esquinas de Madrid editaes em que se queixava dos males produsidos pela illustração e luzes do seculo...

Dar-se-á o caso de ter lido S. Rev.^a o *El Pensamiento Español* ou ter ao menos conhecido o corregedor de Madrid, D. Joaquin de Lorenzo y Moso?...

Mas não: S. Rev.^a é pela sciencia, é pela philosophia, é pela instrucção, é pelas luzes do seculo, em summa: elle o diz mais adiante; simplesmente, é pela sciencia e pela philosophia e pela instrucção e luzes do seculo, sob condição de que a mulher continue a ser o que é, porque d'outra forma (é S. Rev.^a quem o decreta) será *rueira e rameira*...

Ora tomo a liberdade de lembrar a S. Rev.^a que ha nas Sagradas Escripuras meia dusia de *rueiras* que não sei bem se S. Rev.^a considera *rameiras*, mas que a Igreja, de que S. Rev.^a é ministro, nos manda venerar como sanctas e imitar,

por consequencia, como modelos. Eu aponto : são ellas : *Deborah*, que acompanhou Barac á guerra contra o general do exercito de Jabin ; *Jahel*, que matou esse mesmo general, Sissara ; (aquella era mulher de Lapidoth, parece ; esta de Haber Cineo) ; *Judith*, que se introduziu na tenda de Holophernes, o seduziu com os seus *encantos naturaes* (e artificiaes tambem, vá de passagem : que ella, com os seus 50 ou 60 annos, segundo os calculos de De Sacy, já devia precisar bem de pinturas e de perfumarias . . .) e o matou ; *Magdalena*, que, segundo S. João, foi a unica testemunha da resurreição de Jesus ; e as mulheres que foram as mensageiras e auxiliares e secretarias de S. Paulo : — Tecla, Lydda, Cloe (a Pallida) e Phebe (a Brillhante) que escreveu, sob o dictado do Apostolo das gentes, a impetuosa e descabellada Epistola aos Romanos que Michelet chama a Marselheza da Graça.

E, pois que fallei em Michelet, lembrarei mais a S. Rev.^a que, segundo li na *Bible de l'Humanité*, (e, pois que S. Rev.^a se abona com Proudhon, Rousseau, Comte, etc, demasiado escrupulo fôra o meu, se deixasse de citar Michelet com medo de que S. Rev.^a m'o regeitasse, por menos orthodoxo . . .) lembrarei a S. Rev.^a que, segundo li na *Bible de l'Humanité*, — a mulher, durante os quatro primeiros seculos do Christianismo, *foi padre*: officiou; consagrou. Como qualquer outro padre, a mulher era sagrada solememente, recebia o Espirito-sancto pela imposição das mãos (Conc. de Chalcedonia, 4.^o ecumenico): a prova está em que o Concilio de Laodicea lhes prohibiu o sacerdocio e o Concilio de Carthago (391) lhes prohibiu cathechisar, baptisar e mesmo estudar, a não ser com seu marido ; e finalmente em que o sombrio Tertuliano e o feroz Athanasio contra o exercicio das sagradas ordens por mulheres se revoltaram indignados. Isto na Igreja do Oriente. Na Igreja do Occidente, diz-nos Michelet ainda, que, como eram mais ignorantes, nunca chegaram ao presbyterato : mas obtinham o diaconato ; e só no 5.^o seculo é que tres concilios do Occidente e dois papas a afastaram decididamente da recepção das sagradas ordens.

Lá se Michelet se engana (que d'enganar-nos propositamente era elle incapaz) lá se Michelet se engana não sei eu; mas por ventura o Rev.^o Senna Freitas cuida de vêr, ao citar Proudhon, Comte e tutti-quantu, se esses senhores estariam tambem enganados ou procura sequer provar-nos que o não estavam?...

Mas a questão não é de sacerdocio exercido por mulheres: isto veio apenas accidentalmente: a questão é o misero dilemma proudhonesco e proudhomesco que S. Rev.^a apresenta como seu: «Ou caseira e honesta, ou rueira e rameira, etc.»

Ora isto, a proposito de emancipação feminina, ou faz morrer a rir, de ridiculo, ou faz chorar de pena, por lastimoso.

Por ventura, egualada ao homem a mulher quanto aos seus direitos e deveres, deixaria esta de viver em sua casa e de cuidar de si e da sua familia; e passaria, por emancipada da marital tutella, a correr as ruas e a fazer não sei que mais que lembrou a S. Rev.^a?

Muito pelo contrario: de mim para mim tenho que mais e melhor ella saberia zelar o seu bom nome e guardar todas as conveniencias sociaes, muito segura de si, muito conscia das suas obrigações, muito interessada em provar a gregos e a troyanos que uns não tinham rasão em combater-lhe as aspirações e que bem andavam os outros em advogar-lh'as.

Isto me parece: a S. Rev.^a porem, não. As rasões vae elle dizer-nol'as:

«A natureza sabe admiravelmente o que fez (vá que o «saiba: accrescento apenas que S. Rev.^a é que me parece que «o ignora...)) Liberalisou ao *sexo-bello* tendencias de concen-
«tração domestica, instinctos familiares (e ao homem, não
«lhe liberalisou ella tambem esses mesmos instinctos familia-
«res?...)) e ao homem o instincto do movimento extra-domi-
«ciliar, (se S. Rev.^a julga dos outros homens por si, temos
«de considerar S. Rev.^a um nomade...) para agenciar ao
«perto e ao longe, com as *perolas de suor* da sua frente, os
«meios da subsistencia da sua familia.»

Por agora, admittamos que assim seja. Mais adeante, se se não desdiz inteiramente, pelo menos limita um pouco a sua asserção: e então mostraremos que o que S. Rev.^a ahi considera excepção é infelizmente regra. Por agora, pois, admittamos que assim seja.

E d'ahi? e quando a mulher não tenha um homem que lh'o ganhe? e quando, tendo um homem, este, por doença, por incapacidade ou por qualquer outro motivo, lh'o não possa ganhar? e quando, tendo-se casado e enchido de filhos, lhe falta o marido e ella se vê cercada de meia duzia de boccas que lhe pedem pão e para as quaes ella só tem... beijos? S. Rev.^a não pensa nisto: tractando da emancipação da mulher, S. Rev.^a só nos sabe dizer, com A. Comte, que «a lei conjugal é esta — commandar... para melhor servir, servir... para melhor commandar.» Realmente A. Comte disse tambem: —A principal força da mulher consiste em vencer a difficuldade de obedecer.

O trocadilho está mais bem feito; mas, na sunimula, disse o que S. Rev.^a agora repete... talvez por elle o ter dicto.

E notem que ainda a mulher tem de agradecer-nos a sua servidão; porque, no juizo de S. Rev.^a, ainda «o quinhão feminino é assim... o melhor...».

Francamente, será sério isto?

E será sério ainda ver apenas, na facultação de ingresso ás mulheres nas academias e Unversidades, uma completa inversão de misteres: — o homem na cosinha e a mulher no consultorio, exactamente como no *Reino das Mulheres*?!...

S. Rev.^a viu isso apenas: o governo allemão (e notem que a Allemanha é hoje na opinião de S. Rev.^a, «a nação mais adeantada do mundo»...) o governo allemão viu nisso uma questão de moralidade: e fundando-se em motivos de moralidade é que permittiu ás mulheres que seguissem a carreira de medicina; e mais tarde permittiu-lhes tambem que seguissem o curso de pharmacia, allegando, entre outras rasões, a de que o exercicio d'aquella profissão era proprio ao elemento feminino.

Propositadamente citei a Allemanha, refractaria a *novida-*

des: podia citar os Estados Unidos: ali havia em 1870, 557 medicas; em 1890, 4555; em 1897, 6882...

E, com a mão na consciencia (uso a phrase sacramental...) com a mão na consciencia o declaro a S. Rev.^a, não me consta que nos Est. Unidos ou na Allemanha os homens se vejam forçados a fazer meia ou a abanar ao lume.

Mas S. Rev.^a vae dizer-nos afinal a rasão, a grande rasão, por que elle é anti-feminista, quer dizer, adverso ao Feminismo: é que «quantos cargos fossem assumidos por ella (a mulher) eram outros tantos que permaneceriam fechados para o homem».

E' isto o que S. Rev.^a nos diz: é esta a rasão que S. Rev.^a nos dá. Eu pasmo. Pois então, porque se facultasse ás mulheres serem medicas ou engenheiras, deixariam os homens de poder ser engenheiros ou medicos?!...

S. Rev.^a acha que sim; que deixariam de o poder ser; e conclue que, a dar-se isso, o homem não teria algo para que appellar: «abriria lojas de modas, etc.»!

E por ventura os homens o não tem feito de ha seculos, quando nem sequer se sonhava a palavra feminismo?!...

E qual o mister, qual o trabalho—proprio de mulheres, na opinião vulgar—que os homens lhe não tenham usurpado, se até, valha-nos Deus! se até no *mister infame do proxenetismo e no mister mais infame ainda* (se no infinito pode haver graus) *da prostituição*, entraram de fazer-lhe concorrência?...

E é quando homens—que Deus creou á Sua imagem e semelhança—chegam a esta suprema degradação, que vem S. Rev.^a ensinar-nos que é louco o desejo que a Mulher tem de se nobilitar pelo trabalho honesto—a Mulher, da qual S. Rev.^a nos diz que «não parece possuir o *sensu moral*, tão fino como o homem...»?!...

Declaro que ainda não vi tamanha amalgama de absurdos, preparada por um homem illustrado e intelligente.

Mas S. Rev.^a conclue a primeira parte do seu artigo com estas linhas:

— «Se os feministas veem que é bella até ao sublime a these da emancipação da mulher, hão-de ao menos concordar que é bem curto o passo que vae d'esse (supposto) sublime ao ridiculo.

Ora, quanto a ser curta a distancia que vae do sublime ao ridiculo, peço licença a S. Rev.^a para corrigir-lhe o asserto: essa distancia ou é infinita ou é nulla; infinita, quando encarados por um espirito superior; nulla, quando por um espirito mediocre:—isto porque todo o sublime é ridiculo para quem não saiba comprehendel-o e, comprehendendo-o, admiral-o. Já M.^{me} de Stael disse que—todo o enthusiasmo é ridiculo para quem o não experimenta. Assim aquella loucura da Fé que atirava milhões de martyres para as fauces dos leões é sublime aos nossos olhos e era ridicula aos olhos dos pagãos. .

E em questões de ridiculo (cuja Physiologia, vá de passagem, uma senhora, M.^{me} Sophie Gay, escreveu) em questões de ridiculo, deixe-me S. Rev.^a citar-lhe duas opiniões muito auctorizadas: de Renan e de Balsac:

Escreveu este: Nos ridicules sont en grande partie causés par un beau sentiment, par des vertus ou des facultés portées à l'extrême». Aquelle escreveu: «Il n'est rien qui ne puisse être pris par le côté ridicule».

Verdade seja que accrescenta (com vista a S. Rev.^a) que este processo é perigoso, porque recocheta infallivelmente sobre quem o usa. . .

E, pois que estou em maré de citar opiniões alheias, ahi vae mais outra: é a de Goethe que diz:—Toda a ideia grande que apparece no mundo como um Evangelho, é a principio um escandalo para o povo dos parvos e dos pedantes, e uma loucura aos olhos dos espiritos cultos, mas superficiaes. (Quero crêr que o Feminismo não é um escandalo aos olhos de S. Rev.^a; mas simplesmente uma loucura. . .) E, visto estar concluida a analyse, por ventura demasiado minuciosa, da primeira parte do artigo de S. Rev.^a, seja-me permittido descançar tambem uns minutos, emquanto S. Rev.^a, sobre a ques-

tão do Feminismo, fica reflectindo nestas palavras de Goethe: —A mulher que mais merito tem é aquella que está em condições de substituir o pae junto dos filhos. . .

E descanso uns minutos.

*

* *

Entre a primeira e a segunda parte do artigo do Rev.º Padre Senna Freitas medeou uma semana: numa semana creou Deus o mundo. . . e viu Deus que tudo estava bem. O Rev.º Padre Senna Freitas, que tem a Divindade por *seu prototypo e seu Mestre* (é com esta affirmativa que abre a segunda parte: «Quando Jesus-Christo, meu prototypo e meu Mestre. . .») o Rev.º Padre Senna Freitas, vamos lá, não creou um mundo, é certo; mas, achando que o mundo das suas ideias sobre a Emancipação da Mulher não estava lá bem de todo, pegou d'elle e. . . reformou-o; sem que, verdade seja, mesmo depois da reforma; deixasse de ficar mal ajambrado, como torto que era, de nascença. . .

Assim é que, tendo quasi concluido a primeira parte com aquelle argumento miseravelmente egoista — «Quantos cargos fossem assumidos por ella. . . etc.» — que atraz citamos, as primeiras palavras da segunda parte, publicada uma semana depois, são uma plena retractação d'essas palavras, d'esse peccado d'egoismo, pelo menos; como que um *mea culpa* dissimulado, mas nem por isso menos flagrante. Senão vejam:

— «Quando Jesus-Christo, meu prototypo e meu Mestre, (pois não será, afinal de contas, Jesus Christo Prototypo e «Mestre para todos nós? . . .) tanto enalteceu e protegeu a consocia outr'ora desprestigiada do homem, seria incomprehensivel (e foi. . .) que eu, pallido ecco da sua voz (da de Jesus «Christo não nos pareceu que fosse ecco nem pallido nem corado: agora da de Proudhon, sim, foi: ecco e até phonographo. . .) alimentasse para com ella outro sentimento que não fosse o sentimento altruista do respeito e o de uma profunda «estima (parece que dos dois sentimentos que S. Rev.ª *alimenta para com a mulher* só o respeito é que é altruista; o da «estima, não: esse é ainda egoista: S. Rev.ª não pode, por «mais que faça, deixar de ser algo do que foi. . .) . . .

E talvez de ser altruista apenas o respeito e a estima ser egoista, é que deriva, naturalmente, o não achar S. Rev.ª dignificadora da Mulher a doutrina que elle chama — pseudo-

feminista, na qual apenas vê (que extraordinaria visão a de S. Rev.^a!...) «a abdicação real d'esses bens (?...) immanentes (!...) de que pretendem (quem?!...) esbulhal-a».

Sim: porque, provavelmente, no juízo de S. Rev.^a, os que pretendem dignificá-la são os que, como o imperador Guilherme, no dizer de certas gazetas, entendem que a Mulher só deve occupar-se dos quatro K: *Kinder, Küche, Kirche e Kleider*: filhos, cosinha, igreja e vestidos. (Parece, porem, que o governo de S. M. I. não pensa d'egual modo, pois lhes permite que estudem e exerçam, por motivos de moralidade, a medicina e a pharmacia...) Os que pretendem dignificá-la são os que pensam como, ha tres seculos, Huarte, que no seu livro *Examen de ingenios para las sciencias*, recusava toda a capacidade superior á mulher: os que, de harmonia com a lenda de que falla Pelletan, assemelham a mulher letrada a uma fada Melusina que choca um ovo de vibora: os que, finalmente, como Francisco Barberino, declaram doutoralmente que se deve ensinar ao sexo amavel tudo excepto ler e escrever: que, desgraçadamente, ainda hoje ha muitos Barberinos, que em materia de barbaridade, são uns refinados barbarões...

D'ahi o ver S. Rev.^a na emancipação da mulher uma abdicação real de bens, que S. Rev.^a diz immanentes, de que pretendem esbulhal-a. Simplesmente, uma pergunta: se ella abdica de taes bens, como é que pretendem esbulhal-a d'elles?...

Mas S. Rev.^a segue formulando uma objecção por parte dos feministas e rebatendo-a. Vae-se ver a Hydra de Lerna que este Alcides foi descobrir para seu passatempo e a maneira heroica e definitiva como lhe corta cerce as cabeças todas d'um golpe:

—«Mas o talento, dirão, tem defendido e está defendendo semelhante doutrina».

Esta a objecção feminista que S. Rev.^a apresenta!

De todos os argumentos a favor da Emancipação da Mulher só este lhe surge ao espirito:—o ter essa theoria pessoas de talento a advogal-a...

S. Rev.^a podia rebater esta objecção, dizendo que tambem pessoas de talento a atacam: exemplo: S. Rev.^a.

Mas não: S. Rev.^a segue outro processo um pouco mais complicado: e tanto mais complicado que afinal só conseguiu deixal-a de pé, com toda a sua força, que, valha a verdade, não era muita. Transcrevo as palavras de S. Rev.^a:

—«Embora. O genio e o bom-senso teem-n'a vigorosa-

mente atacado, na pessoa de De Maistre, de Rousseau, de Comte e na generalidade da opinião publica. — E acrescenta S. Rev.^a, muito ancho da descoberta :

—«Ora o genio e o talento são da mesma familia, o talento é apenas um collateral.» —

E então ?

Então, dizia o outro, ahí tem v. por que é que sua filha está muda.

Primeiro, parece que S. Rev.^a quer oppôr ao talento o genio e o bom-senso; de subito, S. Rev.^a, muito sabedor de arvores genealogicas, acaba por nos dar esta novidade — que o talento é da mesma familia que o genio: um collateral apenas

Concluimos que provavelmente não podem casar sem dispensa . . . de S. Rev.^a; e d'ahi quiçá o nem sempre andarem conjugados na mesma ideia ou á mesma ideia conjugados . . .

Bem: e d'ahi ?

O parentesco do genio e do talento já o sabiamos: para Taine os dois termos são até synonymos.

Ha mais: o bom-senso é tambem da familia: — o bom-senso e o genio, diz De Bonald, são da mesma familia; e o genio, segundo Ampère, é o talento creador. De resto alguém disse que genio era a rasão inspirada; e outro alguém que não me lembra tambem quem foi, definiu o genio — o bom-senso elevado ao sublime.

Mas de tudo isto, que se apura contra a Emancipação da Mulher ?

Era o que eu desejava que S. Rev.^a nos dissesse.

Mas qual ? S. Rev.^a, descoberta aquella affinidade ou consanguineidade, aquella parentesco, em summa, passa a dizer-nos onde e, novamente, quando surgiu o feminismo :

—«Onde o feminismo surgiu pela primeira vez (vejam a certeza com que elle falla: parece que lhe assistiu ao parto . . .) foi em França, no tempo de Rosa Bonheur e Ninon (! . . .).»

Das palavras sublinhadas parece dever concluir-se que a celebre artista viveu ou no mesmo tempo que a celeberrima cortêsã ou anteriormente.

Pois nem uma nem outra cousa. Rosa Bonheur é do nosso tempo: nasceu em Bordeaux ali por 1822: Ninon de Lenclos é do seculo XVII: nasceu em 1615 e morreu, se a memoria me não falha, em 1705. Quer dizer: da morte da Ninon ao nascimento da Bonheur decorreu mais d'um seculo. E, entretanto, S. Rev.^a dogmatiza que o feminismo surgiu a

quando ás duas! Pretenderá com isto significar-nos S. Rev.^a que o feminismo levou um seculo e meio, pelo menos, a apparecer?

Nesse caso responderei eu a S. Rev.^a que não se pode dizer quando é que surgiu o feminismo: porque, nisto de feminismo, se a palavra é nova, o facto é antigo; antiquissimo: tanto que já o Genesis nos diz algo a tal respeito, se lançarmos para as suas paginas olhos—de ver.

A que veio pois, tal anachronismo?

E' que S. Rev.^a, vae reincidir nas culpas da primeira parte que nas primeiras palavras d'esta parecia ter retractado. A palinodia foi apenas... um artificio. S. Rev.^a estava morto por se abraçar de novo ao seu querido Proudhon: d'ahi o salto, à rebours, da Ninon sobre a Bonheur, contemporanea do *Espirito-Santo* de S. Rev.^a

S. Rev.^a segue:

—«Por esse tempo (não o da Ninon; o da Bonheur: a explicação era precisa, visto que a Ninon, cujo nome é o mais próximo, morreu cento e quatro annos antes de Proudhon nascer) por esse tempo e a esse proposito Proudhon escrevia estas rudes mas francas palavras (o que S. Rev.^a devia tractar de ver e de nos dizer era se essas palavras, muito embora francas na sua rudesza, eram ou não verdadeiras: d'isso porém, não cuidou S. Rev.^a, apesar de ter por *prototypo* e *Mestre* Aquelle que disse: *Ego sum... veritas...*)»

Quanto ás palavras que S. Rev.^a escreve em seguida, não são de Proudhon; são de S. Rev.^a; muito embora traducindo as de Proudhon... com um pouco de sua casa no parenthesis: senão vejam: as palavras que se seguem são estas:

—«O povo francez é um povo mulher, por isso ama tanto o prazer e só vive de leviandades (mesmo nas opiniões que ás vezes professa), *le peuple français est un peuple femme, voilà pourquoi il aime tant le plaisir et ne vit que de légèreté* (Pornocratie).

O parenthesis «mesmo nas opiniões, etc.» não é de Proudhon; é de S. Rev.^a, como disse. Mas S. Rev.^a continua:

—«E algumas linhas mais adiante (vê-se que S. Rev.^a folheia mais a *Pornocratie* do que os Evangelhos...): o caracter francez pecca por excesso de feminisação, *le caractère français peche par excès de féminisation*».

D'aquí conclue S. Rev.^a que a theoria da Emancipação da Mulher devia agradar aos francezes...

São assim as conclusões de S. Rev.^a.

Ora pois, visto que S. Rev.^a faz dogmas das palavras de Proudhon, deixe-me S. Rev.^a que lhe pergunte como combina a sympathia dos francezes pela theoria feminista que S. Rev.^a classifica de ridicula com o juizo que Voltaire (S. Rev.^a para quem a palavra de Proudhon é lei, ha-de consequentemente acatar a palavra do Philosopho de Ferney . . .) faz dos mesmos francezes que elle diz—terem de natureza o apanharem de prompto o lado ridiculo das coisas mais serias? Parece que, sendo os francezes dispostos a verem pelo lado ridiculo ainda as coisas mais serias, deveria fazel-os rir, que não acarear-lhes enthusiasmos e sympathias, a theoria feminista que na opinião de S. Rev.^a, é já de si ridicula. . .

E ainda outra pergunta:—se o feminismo se tornou sympathico aos francezes por serem, como diz Proudhon, um povo-mulher, como é que elle, o feminismo, se tornou ainda mais sympathico ao povo americano, ao qual de nenhum modo cabe a classificação proudhoniana—antes pelo contrario?

E vem depois aquella coisa de não possuir a mulher o *sensu moral*, tão fino como o homem. . .

Se o auctor do artigo não fosse um padre, dava-me vontade de applicar ao caso certa palavra d'um francez que não era Proudhon, nem Comte, nem Rousseau, nem nenhum, em summa, dos *Santos-Padres e Doutores-da-Egreja*, que S. Rev.^a cita a cada passo em abono—por vezes duvidoso—das suas *evangelicas* ideias: mas S. Rev.^a é um padre: tractemos pois, o caso a serio.

S. Rev.^a diz que a mulher «não parece possuir o *sensu moral* tão fino como o homem. . .

E' com certeza esta uma das muitas gentilezas que a *Tribuna* espera que as suas leitoras saberão agradecer a S. Rev.^a: estou a ver as leitoras da *Tribuna* a oscularem, num extasis de gratidão inegualavel, a mão gentil de S. Rev.^a que tão lindas coisas escreveu a respeito d'ellas, que a respeito d'ellas redigiu tão amavel conceito!

Em opposição porem, ao dicto de S. Rev.^a tenho eu aqui o dr. Havelock Ellis a dizer-me na *L'Humanité Nouvelle* que o pudor, se bem que commum aos dois sexos, é particularmente feminino, de modo que pode ser considerado como o caracter secundario principal da mulher sob o ponto de vista psychologico.

Em qual dos dois acreditar?

Retorquir-me-á S. Rev.^a que pudor e sensu moral não são uma e a mesma coisa? Mas não será o pudor um effeito

do senso moral? e, se o effeito é maior, não deverá concluir-se que maior é também a causa?

E, se nada d'isto assim é, então que entende S. Rev.^a por senso-moral?

Pode bem ser que tudo seja uma mera questão de palavras: ahí está que V. Hugo diz que «le sens revolutionnaire est un sens moral»: d'ahi talvez o entender S. Rev.^a que, sendo a mulher, por natureza ou por educação, mais conservadora do que o homem, ella é inferior em senso-moral, quer dizer, em senso-revolucionario... Será isto?

Em todo o caso, note S. Rev.^a:—que a dignidade e a liberdade da mulher crescem proporcionalmente ao senso-moral d'um povo; quanto mais os homens forem dotados de senso-moral, tanto mais dignas e livres são as mulheres:—o que prova contra o senso-moral dos adversarios do Feminismo, cujo ideal é a liberdade e a dignidade da Mulher.

Por os homens terem mais senso-moral que as mulheres é que em Londres ha cincoenta ou sessenta mil prostitutas; e o mesmo succede em Paris; e em Roma peor ainda: é por isso: não ha que ver!

E é quando o numero das mulheres—cuja vida de prostituição as leis toleram, protegem e... exploram—é assim grande, que S. Rev.^a vem decretar que a virgem (corto rhetoricas lyricas e hiper-lyricas...) a esposa (idem) e a mãe (idem, idem) as mulheres, em summa, «matriculadas na escola livre da emancipação, passariam a ser um harem (?) de gosos sensuaes»!

S. Rev.^a, pelo visto, acha preferivel que, em vez de se matricularem na *escola-livre* da emancipação, se vão matricular na *escola-official* da degradação: então sim; então é que todas ellas serão um convento (para harmonisar o meu estylo com o de S. Rev.^a) de mysticas virtudes!

E é depois de tudo isto que S. Rev.^a se lembra de citar ainda Lamartine, porque disse que a mulher era alternadamente anjo e demonio (*quid inde?*...) sem se lembrar de que foi o mesmo Lamartine quem disse que—se o homem tem o genio da verdade, a paixão da verdade só a mulher é que a tem!...

E, a seguir, S. Rev.^a derrama lagrimas amarissimas, *pe-remptoriamente* dorido, *positivamente* desolado, ao vêr a mulher cair do *olympo*... da *tripode*... do *throno*... «do esplendor em que a sua imagem (d'ella, da mulher, com toda a sua deficiencia de senso-moral!...) reflecte talvez mais a de

Deus que a nossa . . .)! Alguem disse que só Deus era androgyno: S. Rev.^a, que, como ministro de Deus, o conhece muito de perto e muito melhor que ninguem, vem dizer-nos que talvez seja mais mulher do que homem...

E, por mais que o assumpto seja sancto, não ha modo, com S. Rev.^a, de o tractar sanctamente, como manda o preceito do *sancta sancte* . . .

E, tendo enchido não sei quantas columnas com estas coisas todas contra a Emancipação da mulher, ninguem será capaz de adivinhar a conclusão que de tudo isso tira S. Rev.^a; não! ninguem! Eu vou dizer: S. Rev.^a conclue o seguinte:—que a mulher deve ser «livre, liberrima (anh?! . . . que tal?! . . .) para o trabalho proprio do seu sexo (como não nos diz qual, estamos no direito de crer que todo o trabalho, honesto e lucrativo, o é: prohibido, fica-lhe apenas o trabalho que hoje as leis lhe permittem,—o da prostituição: muito bem) para os cargos da republica (até cargos da republica S. Rev.^a lhe faculta! estamos em maré de graças: não ha que vêr!) compatíveis com o grau das suas faculdades e o seu recato (por consequencia, a uma mulher que seja rasoavelmente estudiosa deverão abrir-se-lhe os Lyceus e as Universidades e ella poderá ser medica, advogada, engenheira, professora: porque não sei em quê qualquer d'estas profissões seja incompatível com o seu recato . . .) para as distracções licitas em que fraternise com o nosso sexo (quer dizer: as sciencias, as artes e as lettras, porque creio que todas estas distracções são licitas e nellas pode a mulher fraternisar, e realmente fraternisa, admiravelmente, com o nosso sexo.)»

E' o que S. Rev.^a conclue, tirante os parenthesis que são esclarecimentos meus.

E o que S. Rev.^a afinal condemna é o que todos os feministas condemnam afinal tambem: «as utopias irrisorias» (quando algum espirito exaltado as apresente) «as *chinoiseries* de emancipação» (se algum espirito exaltado as sonha): isto, porque na verdade o Feminismo não deve ser julgado pelas manifestações isoladas e incoherentes que de nenhum modo fazem regra.

E temos afinal S. Rev.^a convertido ao feminismo! ora *ad multos annos!*

Como porem, S. Rev.^a não fecha aqui o seu artigo, vamos, já agora, acompanhál-o até final: infelizmente; não por mim; mas pelos meus leitores e pelas minhas leitoras, a quem talvez falte a paciencia para nos acompanharem a ambos! Eu

porem, é que o não largo. S. Rev.^a ponderou a theoria feminista sob o ponto de vista moral: vimos que S. Rev.^a concordava em que a mulher fosse, pudesse ser, tudo quanto não contrastasse o seu sexo e o seu recato. Agora S. Rev.^a vae ponderal-a «sob o ponto de vista não *mais* moral mas puramente intellectual...».

E, sob este ponto de vista, acha S. Rev.^a que «o nivelamento egualitario (aqui muito á puridade: não sei de *nivelamento* que não seja *egualitario* ..) dos dois sexos não seria possível».

Pois vamos lá a ver o que S. Rev.^a diz a tal respeito...

Mas—uns minutos de descanso, que isto não vae a matar.

Entretanto, veja S. Rev.^a se não é profundamente verdadeiro que a impossibilidade que S. Rev.^a nota de nivelar intellectualmente os dois sexos, é afinal, a mesma impossibilidade que todos notamos de nivelar intellectualmente, não digo, todos os homens, mas dois homens apenas.

*

* * *

O primeiro argumento da inferioridade intellectual da mulher (porque era isto que S. Rev.^a queria dizer quando fallou da impossibilidade de *nivelamentos egualitarios*...) o primeiro argumento — e poderia dizer até o unico, porque os outros ou são corollarios e repetições d'este ou puras divagações — é este: que «a mulher é mais dominada pelo sentimento do que pelo intellecto».

E' a phrase de Chamfort, que geralmente se attribue a J. Agostinho de Macedo, assim traducida: — A mulher tem uma fibra mais no coração e uma cellula menos no cerebro. E' tambem a conclusão a que chega Henry de Varigny: «... le sexe masculin ayant plus d'intelligence ou de puissance intellectuelle, tandis que la femme est douée d'une plus grande sensibilité».

Em conclusão: a mulher é mais sensível: logo é menos intelligente.

D'esta vez S. Rev.^a esqueceu-se do seu Proudhon que lhe forneceria outro argumento; pretendia Proudhon que «a força phisica não é menos necessaria ao trabalho do pensamento do que ao dos musculos». Era o «mens sana...» em sentido lato: sem ter na devida conta o dicto de Seneca, que faz entrar um grão de loucura na genese do genio...

Em conclusão ainda : a mulher é mais fraca ; logo é menos intelligente.

E ainda outro argumento : o d'um illustre poeta, o sr. Julio Dantas, cujos versos muito aprecio e cuja recente estreia dramatica muito cordealmente applaudo, mas cujas ideias, neste sentido, em tempos contradictei, o melhor que pude e soube, em não sei que numeros da *Tarde*. Affirmava elle que o cerebro da mulher pesava «cento e quarenta e tantas grammas» menos que o cerebro do homem normal. . .

Quer dizer : a mulher tem o cerebro menos pesado ; logo é menos intelligente.

E agora, por esta minha fraquesa, mais d'alma me perdoará S. Rev.^a a acrimonia com que, uma vez ou outra, involuntariamente, me referi a S. Rev.^a a quem respeito como padre e a quem apenas refuto, quando anti-feminista :

E, feita esta cortezia, que é d'estylo em adversarios serios, direi que, visto S. Rev.^a ter apresentado só o primeiro d'estes tres argumentos, guardarei o de S. Rev.^a para o fim, e transcreverei d'um d'esses numeros da *Tarde* (unico que, por accaso, descobri entre papeis velhos) o que ácerca do ultimo e penultimo argumento então se me offereceu dizer.

Quanto ao argumento do sr. Julio Dantas — o menor peso de cerebro—, uma duvida havia no meu espirito; mesmo algo mais que duvida: ignorancia que provocava a seguinte pergunta :

—Qual a craveira pela qual se avaliou a «normalidade» do homem e da mulher (porque em summa, se era o cerebro do homem normal que estava num dos pratos da balança, forçosamente no outro devia tambem lançar-se o cerebro d'uma mulher normal. . .) cujos cerebros serviram de base ao calculo ? . .

A pergunta era, na verdade, da natureza d'aquellas com que certo rei enthisicou o Padre-João-sem-cuidados, cuja historia me contaram quando creança. . .

De resto aquella pergunta era só por perguntar : porquanto Voltaire era, relativamente, um microcephalo. Mais : —Broca provou que os camponios analphabetos do Auvergne tinham uma capacidade craneana muito maior que parisienses illustrados. E ainda : —os egyptcios da 18.^a dynastia, a epocha de maior civilisação, tinham menos capacidade craneana que os das epocas anteriores e posteriores. E, por ultimo : —o mesmo Broca deixou demonstrado que os craneos quaternarios eram muito mais volumosos que os dos homens actuaes.

Por tanto, á vista do que dizem os competentes, como avaliar da intelligencia da mulher pelo maior ou menor peso do cerebro? . . .

Quanto ao argumento de Proudhon — o de menos força phisica — eu reproduzo textualmente o que então escrevi :

«A verdade é que nenhum physiologista demonstrou até hoje que a força mental seja proporcional á força phisica. A afirmativa de Jules Soury — que o pensamento tem equivalentes mechanicos, thermicos, chimicos, é feita tanto no ar, que o proprio Charles Richet, cujas respostas a um artigo de Armand Gautier elle acha à *coup sûr victorieuses*, diz que a unica conclusão legitima a tirar é que *muito provavelmente, senão com toda a certeza*, o trabalho psychico corresponde a *uma certa acção chimica, a uma certa acção thermica* . . . E em 1892 concluía um artigo por estas palavras: *Si cela est probable, ce n'est pas moins hypothetique, et le contraire, quoique bien improbable, pourrait exister*.

«E, que, em vez de hypothese, o não fosse, o que prova? O que indicaria essa equivalencia mechanica, thermica ou chimica? — a desintegração produzida pelo trabalho cerebral; mais nada. Ficaria, pois, ainda por medir a qualidade das operações psychicas. Portanto, nada adeantavamos. De pois, como conciliar tal theoria com o rachitismo de muitos sabios, philosophos, poetas, conquistadores, grandes genios (em summa: Socrate, Platão, Aristoteles, Erasmo, Tyrteu, Horacio, Pope, Alexandre, Napoleão? Os homens não se medem aos palmos: acrescentarei: nem se avaliam pelo pulso. O caso de Pasteur, conservando, e quiçá com mais brilho ainda, como quer Berthelot, todo o seu genio inventivo depois de 1868, epoca em que ficou hemiplegico, é uma refutação viva do paradoxo de Proudhon.

Resta o argumento de S. Rev.^a que era o de Chamfort; que era o do Padre-Agostinho; que era e é o de muita gente: — o da maior sensibilidade.

Vamos a elle pois: segue a transcripção, porque não estou para refazer trabalho feito:

« . . . Em nome da anatomia, da psychologia e da pathologia, Charles Richet declara que quanto mais o ser normal é *sensível* tanto mais *intelligente* elle é. E ahi estão os dois principios em completo antagonismo. Todavia, foi nas experiencias, aliás superficiaes, de Nichols e Bailey, sobre o olfacto, que Augusto Strindberg, o illustre escriptor norueguez, num arranco de desesperada mysogenia, se fundou para,

«em artigo publicado na *Rev. Blanche* de janeiro de 95, dar como demonstrada a inferioridade intellectual da mulher. . .

«A verdade, porém, é que a sensibilidade não dá, não pôde dar conta de todas as ideias nem de todos os sentimentos (hajam vista os phenomenos de telepsychia recentemente observados. . .); mais ainda: que a desse, a qualidade da sensação escapa a toda a medida e a correspondencia entre as sensações e a intelligencia não é conhecida; e por ultimo: mesmo que os sentidos *conhecidos* fossem os unicos auxiliares da intelligencia, nada d'ahi se poderia concluir a respeito da inferioridade intellectual da mulher, porquanto as observações sobre a maior ou menor sensibilidade da mulher se contradizem: Lombroso e Sergi dizendo-a menos sensivel; Dehn e Galton tanto ou mais sensivel que o homem,

S. Rev.^a porem, logo entendeu que estava em campo franco e passou portanto a fazer distincções:—entre genio e talento e entre inspiração e gosto: o genio e a inspiração (não será o genio,—o *deus in nobis* de Ovidio—o mesmo que inspiração? . . .) são, segundo S. Rev.^a, apanagio exclusivo do homem: agora, talento e gosto concede S. Rev.^a que a mulher o possa mostrar tambem.

Quanto a *genio*, é conforme o que por essa palavra designarmos. Assim Bossuet (S. Rev.^a certo me não recusa esta autoridade. . .) encontrou genio na Princeza Palatina (vide *Or. fun.*): verdade seja que na *Or. fun.* de Condé considerava elle o genio uma especie de faculdade secundaria da intelligencia. . .

Mas que entende S. Rev.^a por *genio*?—A paciencia; como Buffon?—o maior grau de attenção de que é susceptivel o espirito; como Newton?—A faculdade pela qual a Natureza dá regras á Arte; como Kant?—A capacidade geral de conceber verdadeiras obras d'arte e outrosim a energia necessaria para as realizar; como Hegel?—O quê, afinal? . . .

Eu já disse que para Taine, por ex.: genio e talento eram synonymos. . .

Nesta questão porem, de *genio*, proprio do homem e *talento*, accessivel á mulher, o culpado não é S. Rev.^a: o culpado foi Georges-Sand, uma das poucas damas, de cujos romances diz S. Rev.^a que «decretam a admiração»: são d'ella estas palavras:—«*Les femmes n'ayant ni profondeur dans leurs aperçus ni suite dans leurs idées, ne peuvent avoir de génie*». Ora o melhor desmentido d'essas palavras é a sua Obra; é ella propria.

E, quando a Mulher tem a abater-lhe a energia e a escurentar-lhe a intelligencia, seis mil annos de servidão e de ignorancia — pergunta, todo soberbo, S. Rev.^a onde estão «os fructos cerebraes (?! . .) da sua rasão e da sua inspiração, se a possui» . . .

Um pouco o caso de Judas, condemnando á morte Thamar, pelo crime a que a forçou. .

Assim mesmo, quando Penelope tecia, Helena bordava, Nausicca lavava a roupa suja, Tanakil fiava e Andromaca cuidava dos cavallos de Heitor (rainhas ou princezas todas ellas!) houve, todavia, em Thebas uma mulher, Corinna, que ficou vencedora cinco vezes d'um dos maiores poetas gregos, Pindaro; e em Mileto, Aspasia, que foi mestra d'um dos maiores oradores da antiguidade, Pericles.

Por esses tempos, tambem Olreta, filha de Aristippo, ensinava as sciencias do seu tempo e a philosophia ao filho, que por signal foi chamado Metrodidactos — discipulo de sua mãe.

E aqui está um optimo exemplo a seguir; não acha S. Rev.^a? . . .

Superfluo (e por ventura improficuo tambem) citar as 170 mulheres do seculo XV e XVI cujos panegyricos Frei Hilario da Costa escreveu; nem ainda as 800 mulheres illustres, cujos triumphos e feitos heroicos Paulo de Ribera celebrou. .

Lembro só ainda aquella Hortensia de quem Appiano conservou um discurso que faria honra a Cicero e a Demosthenes. . .

Por seu lado, S. Rev.^a lembra ainda tambem Ackerman, F. Caballero, G. Sand, Sevigné, Staël, H. Stowe, Pardo Basan e J.^{to} Adam, a cujas obras presta homenagem.

Então que mais quer?! . . .

S. Rev.^a quer «inventos, descubertas, empresas ousadas, de um *alcance humanitario*» . . .

Pois se na mulher ha, como S. Rev.^a confessa — «o genio do amor e do bem» — (o que, de passagem, bem mal se combina com a sua falta de *sensu-moral*) como é que S. Rev.^a lhe nega obras de alcance humanitario?! — E' até esse intuito humanitario o character mais saliente das suas obras: o que não admira, pois foi uma mulher, a Staël, quem disse que «o genio não deve servir senão para manifestar a bondade suprema da alma» . . .

Mas S. Rev.^a falla de empresas — não de obras — humanitarias. . .

Pois então lembrarei eu a S. Rev.^a: — a campanha de

abolição da escravatura, nos Estados-Unidos; — a campanha a favor da Paz, por toda a parte; — a campanha contra a prostituição; — a campanha contra o alcoolismo, que é d'ellas, bem d'ellas tambem, como prova L. Frank no seu livro *Les femmes contre l'alcool*...

Será preciso mais? será justo exigir mais, em menos d'um seculo?

E note-se que todas essas campanhas, sublime e gloriosamente humanitarias, não se restringem á theoria: teem a coroa-as—aquillo que muitas, senão todas, das campanhas humanitarias emprehendidas pelos homens, não chegam a ter, ou, quando teem, é tarde e mal—a pratica: prova:

— «Num dos Estados da republica norte-americana, foi recentemente eleito um concelho municipal só composto de «mulheres. *No dia seguinte as tavernas de peor nota appareciam fechadas.*

Depois d'isto, tudo quanto S. R.^a dizer pudesse, seria em pura perda.

Verdade seja que S. Rev.^a, no final do artigo, diz coisas justas:—falla da dedicação feminina: do genio de Cornelia, de Philippa de Vilhena, de D. Isabel de Portugal; do genio da irmã de caridade e da irmansinha dos pobres; e finalmente, do genio da mãe intelligente e sollicita que faz do filho um bom cidadão que pode vir a ser um genio a seu tempo.

A este respeito citei eu o caso de Olreta..

Por ultimo, S. Rev.^a chega a não reprovar mesmo «que a mulher cultive a vida litteraria»; portanto, a scientifica e artistica, que, ou são similares, ou nella estão comprehendidas.

Portanto, ainda mais uma vez, ao fim de tudo parece que estamos quasi de accordo...

S. Rev.^a porem, não falla d'esse *terceiro sexo*, por assim dizer, cuja progressão crescente um illustre publicista apontou —d'essa enormissima população de mulheres, que, tendo, na lucta da vida, em questão de trabalho, os mesmos deveres a cumprir e os mesmos riscos a correr, de toda a justiça é que tenha, ou que obtenha, *visto não os ter ainda*, os mesmos direitos tambem e a mesma liberdade que os seus concorrentes, os homens...

A mim fallece-me tambem tempo e espaço para mais: e já isto vae fóra de termo e medida. Não entrarei pois nesse campo: tanto mais que nesta mesma revista, já alguem tractou, no numero passado, e tractará ainda, no proximo numero, a questão do feminismo...

O que entendo é que é preciso que termine de vez este *duello dos sexos* e que, só terminado elle, é que poderá estabelecer-se verdadeira solidariedade entre o homem e a mulher . . .

Entendo, mais ainda, que S. Rev.^a, como padre, habituado, como deve estar, a pregar o amor do proximo, não devia de forma nenhuma pôr a sua penna ao lado dos que fazem esta nefandissima *guerra á mulher*, guerra que, por hypocrita e rebuçada sob velludos de galanteria, mais nefanda é ainda.

Entendo, por ultimo, que é o cumulo do absurdo prohibir a Mulher de ser, podendo, oradora como Hortensia; medica como Phrynêa; romancista como Georges Sand e Fernan Caballero; pintora como Angelica Hauffeman e Rosa Bonheur; actriz como Anna Mars e Rachel; poetisa como Antonietta Quarré e Anna Iearsley, ou como Sapho e Sancta Theresa; philosopha em summa como Hypathia; ou theologa como Santa Catharina:—de morrer por uma ideia como M.^{me} Roland ou a Mãe dos Machabeus (já não digo—matar por uma ideia como Judith ou Carlota Corday. . .) ou de ser, podendo, Imperatriz soberana de todas as Russias, como Catharina 1.^a ou simplesmente, e mais gloriosamente ainda—a Mãe da Patria, como Catharina 2.^a !

Taes as minhas ideias sobre a questão.

Desculpe-me S. Rev.^a a tal ou qual acrimonia, num ou noutro ponto, d'estas paginas; e creia que foi exactamente pelo muito peso que dou á opinião de S. Rev.^a, que assim me revoltou vel-o terçar armas num campo que não é, que não pode ser, o da Verdade e da Justiça.

Pense S. Rev.^a que, se a liberdade é, como disse Cavaignac, o genio tutelar da cidade, mais certo é ainda que a liberdade é o genio protector do lar domestico, como escreveu Laménais.

CARLOS DE LEMOS



CARTEIRA DA AVE-AZUL

Mr. Philéas Lebesgue:—D'este illustre poeta recebemos e penhoradamente agradecemos uma carta amabilissima acompanhando um precioso soneto inedito, *Sonnet d'automne*, offerecido aos directores d'esta revista: com a sua publicação e a d'uma encantadora prosa, *Tragedia lyrica*, do primoroso poeta sr. Adolpho Portella, honraremos a nossa *Salla de visitas*, que, louvado Deus, tem recolhido verdadeiras joias, em verso e em prosa, dos nossos mais distinctos escriptores novos.

Para os leitores da *Ave-Azul* que não conheçam ainda bem *Mr. Philéas Lebesgue*, dir-lhes-emos que é um poeta de raça e dos mais apreciados, tendo, quanto a nós, a enaltecer-lhe ainda os subidos meritos a quasi devoção com que para a sua lingua tem sabido traduzir algumas das nossas obras-primas, nomeadamente, a *Belkiss* e o ultimo canto do *Sagramor* de E. de Castro e, de collaboração com *Mr. L. Pilate de Brinn'Gaubast*, alguns fragmentos de *Th. Braga* e *J. de Deus*.

D'aqui o empenho com que a Redacção do *Mercure de France* lhe pediu se encarregasse da chronica litteraria trimestral de Portugal, tarefa de que o benemerito amigo das nossas lettras certo se desempenhará com inexcédível gosto e criterio.

—A sua residencia é em *La Neuville-Vault (Oise)*.

*

—*A. Padula*:—Em homenagem de gratidão pelos grandes serviços prestados ás nossas lettras por este notabilissimo escriptor italiano, jubilosamente abrimos as paginas da nossa revista á traducção, pelo sr. *A. Ferreira de Faria*, da sua interessantissima conferencia sobre *Camões e os novos poetas portuguezes*, que os nossos leitores muito apreciarão.

D'esta traducção se fará separata de 50 exemplares, dos quaes 25 para o mercado. Aviso aos camoneanistas.

*

—*J. Agostinho d'Oliveira*:—Damos d'este illustre poeta e nosso amigo, a segunda parte de *O Lar do Poeta*, intitulada *O Sonho da Torrente*, que por sem duvida lhe grangeará não menos entusiasticos applausos que a primeira *A morte da Avesinha* traduzida já pelo sr. *Antonio Padula*, que igualmente traduzirá as outras duas partes da esplendida trilogia, por si só bastante a postar á frente dos Novos o seu autor.